

O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUESA

7

Primavera + Verão 2007
GUERRA = MENTIRA
TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA

Não acredite. Pense.

<reviluso@yahoo.com.br>

<http://revurevi.net>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port/port.html>

—oooOOO\$\$\$OOOooo—

Paul Rassinier foi o primeiro a pisar o risco e é considerado o pai do revisionismo do holocausto, mas reabilitar o nazismo seria a última coisa que um militante da Resistência Francesa que foi enviado para os campos de Buchenwald e Mittelbau-Dora queria fazer.
Rouxinol

SUMARIO

Nuno Rogeiro recusou-se a falar em conferência no Irão, Ana Baião

Nuno Rogeiro em Teerão

Revisiónismo Italiano: As Mentiras Não Resistem Mais! Gianpiero Gasparini

David Cole: Um Revisionista Judeu

Quem é que muda os manuais de história?

Liberdade de Expressão Por Roger Köppel

Análise à maior farsa jurídica do nosso século Manuel Monteiro

TINTIM

Ao Flávio Gonçalves

Acção disciplinar - my answer Flávio Gonçalves

O Congresso para a indagação do Holocausto, em Teerão, em 11/12 de Dezembro de 2006 Por Bernhard Schaub

Plano de Paz Internacional De Moishe Arye Friedman

Presidente ucraniano quer prisão quem negar crimes de Stalin e Hitler

debate revisionista no chile?

A demissão do ensino britânico

UE fecha acordo para punir racismo e negação do Holocausto

Israel promove ato em memória de vítimas do Holocausto

HISTORIADOS FRANCÊS QUE NEGA O HOLOCAUSTO É AGREDIDO NA ITÁLIA

OS “POGROMS” COLONIAL-IMPERIALISTAS Por Walmor Marcellino

Breves considerações sobre o revisionismo e o novo livro de Faye, passando pelas inquietações do Flávio

—oooOOO§§§OOOooo—

ANALISTA DECIDIU JA NO LOCAL

Nuno Rogeiro recusou-se a falar em conferência no Irão

Daniel do Rosário, em Bruxelas

"A conferência era uma farsa". Rogeiro resume assim o que o levou a desistir do encontro sobre o Holocausto, organizado por Teerão.

Ana Baião

Rogeiro disse ao EXPRESSO que passou "um dos dias mais dramáticos" da sua vida, ontem, em Teerão

O comentador e analista Nuno Rogeiro explicou ao EXPRESSO a partir da capital iraniana que se encontra no Irão a convite do ministério dos negócios estrangeiros daquele país para realizar uma "fact finding mission", durante a qual manteria encontros com responsáveis políticos, representantes da sociedade civil, embaixadores e com especialistas em questões de defesa e segurança. E garante que a sua participação na conferência "Revisão do Holocausto: uma Visão Global", que terminou ontem em Teerão, acabou por ser quase uma coincidência temporal: "entendi que, estando aqui, não podia deixar de falar sobre o assunto".

No rescaldo do que considera ter sido "um dos dias mais dramáticos" da sua vida, o analista político conta que foi já no local da reunião que, depois de se aperceberem do conteúdo da sua declaração ("Holograms of Holocausts"), na qual critica violentamente a negação do Holocausto, que os organizadores terão mudado de ideias. Mas não só. Ao notar a presença na sala do norte-americano David Duke, líder do Klu Klux Klan, cuja participação no encontro tinha sido profusamente destacada pela imprensa internacional, Rogeiro afirma que se recusou a entrar enquanto Duke não saísse. Entre as duas coisas, o papel com o seu nome foi retirado e rasgado: "até acabei por o guardar".

Mulher e filhos na memória

Ao aproximar-se do local da conferência, ontem (terça-feira) à tarde, Rogeiro confessa ter hesitado: "não fazia a mínima ideia do que me ia acontecer". "Pensei na minha mulher, nos meus quatro filhos e acabei por sentir uma sensação de uma certa libertação", recorda Rogeiro que decidiu avançar apesar de ter havido "uma série de provocações": "achei que tinha o dever, como amigo do Irão, de lhes dizer que não estão a ir na boa direcção, penso que perderam em dois dias muitas coisas que ganharam nas últimas duas semanas". E resume: "a conferência era uma farsa".

"Isso é um disparate", indigna-se Flávio Gonçalves, o outro cidadão português que também se deslocou a Teerão para participar na conferência. "Eu não consigo acreditar nisso por uma razão muito simples: cada orador falou livremente e nenhum dos textos foi vistoriado antes de ser apresentado", contou este assumido revisionista ao EXPRESSO.

Gonçalves garante que houve mesmo "algumas apresentações muito críticas que não foram censuradas e ninguém proibiu os oradores de participar". Quanto à presença do líder do KKK, este estudante de História, que se define como "sindicalista-revolucionário" garante que o incómodo foi geral: "Ninguém gostou da presença do David Duke, eu também ignorei a personagem durante todos estes dias".

De acordo com a informação disponibilizada por alguns participantes no encontro nos seus sites na Internet, a intervenção de Nuno Rogeiro já era esperada pelos organizadores há vários dias. Apresentado como "jornalista", o português era um dos participantes no painel nº6, "Visão Global", marcada para a tarde de ontem.

Ao seu lado estariam outros três oradores, entre os quais Herbert Schaller, advogado austríaco conhecido por defender em tribunal vários negacionistas, nomeadamente o britânico David Irving, actualmente a cumprir uma sentença de três anos de prisão em Viena.

Apesar das declarações prévias de responsáveis iranianos de que estavam dispostos a dar voz a opiniões diferentes, o painel de oradores foi assim dominado por defensores de teses revisionistas e negacionistas, indivíduos que defendem que o Holocausto, o programa de extermínio do povo judeu levado a cabo pela Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial, pura e simplesmente não existiu ou que as suas dimensões ficaram muito aquém dos seis milhões de mortos estabelecidos pelos historiadores.

"Que eu saiba não houve uma única voz que se opusesse ao tom dominante", conta Rogeiro, que explica ter equacionado a possibilidade de a sua presença poder servir para legitimar a conferência. E que depois de ter "trocado impressões com o embaixador de Israel" em Lisboa, decidiu que se limitaria a ler a sua intervenção "de cerca de 30 minutos" que depois entregaria aos representantes do MNE iraniano, o que acabou por fazer.

Flávio Gonçalves discorda: "Eu diria que 50% revisionistas e 50% crentes, foi bem equilibrado".

Esther Mucznik, vice-presidente da comunidade judaica em Portugal conta que, contactada previamente por Nuno Rogeiro, lhe comunicou discordar da sua participação, pois "independentemente da bondade da intervenção, era estar a caucionar um encontro que era uma farsa, uma farsa perigosa".

Os dois dias de reunião na capital iraniana suscitaram um coro de críticas, de Israel à Europa, do Vaticano aos Estados Unidos. O chefe da diplomacia portuguesa afirmou ao EXPRESSO que a conferência era "uma provocação", uma iniciativa "negativa" que contribui para "agudizar ainda mais as tensões" entre o ocidente e o mundo islâmico. Quanto à participação de cidadãos nacionais no encontro, Luís Amado frisou tratar-se de "participações a título individual": "as pessoas são livres. Não o fazem com o aval do governo".

quarta-feira, 13 DEZ 06

http://expresso.clix.pt/Actualidade/Interior.aspx?content_id=373987

Nuno Rogeiro em Teerão

Nuno Rogeiro é um homem de meias medidas. Para acertar uma, tem que errar tantas quantas sejam necessárias, para não comprometer as legítimas expectativas que sobre ele recaem, vindas das mais altas esferas do poder político-mediático. E apenas o quero justificar com base na prosa que compôs para a conferência sobre o holocausto em Teerão:

"Almost as imbecilic as denying XX Century holocausts (...) is to (...) want to approve (or conserve, or converse) laws that will forbid any scientific and intellectual discussion on the same subjects."

Estas são as letrinhas que se podem aproveitar de um texto longo, inconclusivo, indulgente e ambíguo. O pior vem a seguir:

"I believe that the international intervention in Afghanistan was righteous and measured, as the country showed no will to extradite or suppress the public perpetrators of 9/11."

É complicado argumentar com alguém que nesta altura do campeonato, ainda acredita nestas fábulas.

"I also believe that memory (...) oral history, sound historiography and non forged documents, confirm the existence of a Holocaust."

Se houverem documentos que contrariem a história oficial, serão obviamente, forjados.

"here is not much to be added about the existence of the basic plan for extinction."

Que tal a existência de documentos governamentais, um orçamento, um plano...

E o pior - como sempre - os números:

"Summary

Ukraine, 1932-1933

4,821,600 died in the "Great Hunger" engineered by Stalin 1932-33. 7,465,000 died in 1932-1939."

Sobre esta mentira, podem ler aqui. É engraçado ver como, confiam no legado da URSS para provar os números do holocausto, mas não são capazes de dar um saltinhos aos censos oficiais da mesma, para perceber o disparate que são esses valores astronómicos.

"USSR 1934 to 1953

From 1934 to 1953, up to 15 million Russians disappered in the GULAGS."

Quando foram abertos os arquivos soviéticos, estava-se à espera de ver confirmados estes números provenientes da propaganda da guerra fria. Mas parece que, os arquivos não mostravam nada disso. O cenário das mortes nos Gulags durante esse periodo, pode ser consultado aqui (vejam o quadro a azul e façam as contas).

"Germany/Poland 1939-1945

5,000,000 non-jews died in German camps

Germany, 1942-1945

5,860 mill. jews died in German KZ-Camps"

Morreram quase 11 milhões nos campos de concentração, portanto.

Se o número de 6 milhões já era complicadíssimo de conceber, então este é absolutamente ridículo. Falarei disso noutro post.

"We sometimes feel that, for each "holocaust industry", there is a "holocaust denial industry""

Sim. A segunda é composta por gente que gosta de ser presa, perseguida, despedida dos respectivos empregos, apelidada de "anti-semita" ou neonazi e ridicularizada nos meios de comunicação social.

PS: Parece que o dito senhor é muito bom a despejar história, mas quando se trata de a discutir, não se encontra presente.

POSTED BY ROUXINOL AT 7:13 AM DEZEMBRO 13, 2006

<http://rouxinol.blogspot.com/>

PERIODO MAIS TRAGICO

Revisisionismo Italiano: As Mentiras Não Resistem Mais!

Gianpiero Gasparini

- *A chamada Resistência resistiu durante meio século à Verdade mas não resistiu mais ao Revisionismo* -

Depois da traição perpetrada contra Mussolini e o Regime, pelo rei da Itália e membros do Grande Conselho do Fascismo, a Itália viveu dias difíceis de guerra civil, transformou-se em palco de ferozes batalhas da Segunda Guerra Mundial e testemunha de fatos que até os dias de hoje estão envoltos por uma cortina de fumaça, camuflando a verdade histórica que está por trás da versão oficial contada pelos livros “politicamente corretos” que apoiaram, e ainda mantém, o atual regime democrático-mafioso-esquerdista-corrupto que, em tempos de paz devasta a Itália, destruindo a economia e a moral do povo italiano.

O período que vai de 25 de julho de 1943 (data do golpe de Estado que derrubou o Fascismo) até 25 de abril de 1945, quando oficialmente terminou a guerra, constituiu-se no período mais trágico da história italiana, marcado por traições, assassinatos e vinganças.

“Equívocos” da História

Após 50 anos, esse período de trevas para a Itália começa a ser iluminado e muitos “equívocos” da história oficial estão sendo esclarecidos. Um deles é sobre a famigerada “Resistência” italiana, que num episódio ocorrido em Nápoles em 28 de setembro de 1943, clama por seus “mártires caídos na luta contra o invasor inimigo”. Por mais incrível, o “inimigo” em questão é o exército alemão, junto ao qual os italianos verteram sangue desde 1940. O episódio ganhou muita publicidade na época e ficou conhecido como “os quatro dias de Nápoles”.

Segundo a versão oficial – a versão da “resistência” – a partir do dia 28 de setembro de 1943, a cidade de Nápoles teria se levantado em armas numa insurreição popular para expulsar os soldados alemães que ainda se encontravam na cidade. Tal levante teria durado quatro dias, até que os soldados alemães remanescentes batessem retirada. O episódio foi explorado ao máximo pela propaganda da “Resistência” e há trinta anos o Nanni Loy rodou um filme contando a “estória” dos tais quatro dias, glorificando os mártires caídos pela libertação de Nápoles.

Insurreição que não Houve

Ocorre que com o advento do Revisionismo, grandes tabus da história estão sendo quebrados e nem mais a “Resistência” resiste às profundas análises dos revisionistas. Prova disso é o livro “Napoli 1943 – le quattro giornate che non ci furono” (os quatro dias que não aconteceram). O autor, Enzo Erra, nascido em 1926, é jornalista, ensaísta e uma autoridade intelectual indiscutível.

Teriam aqueles dias de luta sido realmente uma insurreição popular de tal envergadura a ponto de levar à expulsão do inimigo poderoso através das armas— Enzo Erra afirma, resolutamente, que não. Em seu livro documenta que pelas ruas napolitanas realmente crepitaram as metralhadoras, porém tudo se reduziu a escaramuças entre algumas centenas de guerrilheiros contra pouco mais de 200 soldados alemães que ainda não tinham feito as malas. Na realidade – com exceção da retaguarda das tropas – os alemães já tinham se retirado em 28 de setembro (data do início da “insurreição”), porque corriam o risco de serem cercados pelos anglo-americanos, os quais entraram na cidade em 1º de outubro, sem disparar um único tiro. Daí o paradoxo de uma insurreição que teria durado quatro dias, quando dois dias antes da entrada dos aliados já não havia mais sinais dos alemães. A confirmar esta constatação há o fato de que sobre os tais “quatro dias” não há nenhuma menção nos diários e memórias militares, tanto da parte dos americanos, como da dos ingleses.

Nada de Novo no Front

Enzo Erra tinha 17 anos em setembro de 1943 e declara: “no dia 28 percorri a cidade de bonde e não vi ninguém atirando. Fui até o Comando alemão porque queria me alistar nas forças armadas da República Social Italiana. Tudo estava tranquilo, nada que fizesse pensar que havia um comando militar cercado por insurretos. Depois de assinar meu alistamento, perguntei onde poderia dormir e me deixaram dormir ali mesmo. Dormi tranquilíssimo, não ouvi nenhum som de explosões” – e completa – “combates houve, mas é exagerada a cifra de dois mil combatentes. No máximo foram poucas centenas de homens. Pouca coisa para uma cidade de um milhão de habitantes. Contrariamente à lenda, o povo napolitano não se moveu, ficou indiferente. Até em Vomero, que foi o epicentro da insurreição, foram menos de 150 os que se levantaram em armas, porque ainda menor era o número

de fuzis à disposição, havendo muitos sem condições de serem usados”.

Depois de revelações como estas, os correios italianos deveriam tirar de circulação o selo “comemorativo” dos 50 anos dos “quatro dias”...

A “Resistência resistir durante meio século à Verdade, mas não resistiu mais ao Revisionismo. Chega de embustes. Resta a pergunta: se até a “resistência” se rendeu, por que seis milhões ainda resistem nas câmaras de gás—

Vamos implodir a Mentira do Século em nome da Verdade!

Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº12 – AGO/94

PARA FAZER SUAS PROPRIAS INVESTIGAÇÕES

David Cole: Um Revisionista Judeu

Como milhões de outros americanos, o jovem David Cole acreditava realmente na lenda do “holocausto. Como judeu, seus sentimentos de indignação, evidentemente, eram ainda maiores. Ao ler, porém, o **Relatório Leuchter**, Cole ficou tomado de espanto e totalmente confuso. Tomou então sua câmara de vídeo e rumou para Auschwitz, para verificar, pessoalmente, a veracidade ou não dos fatos apresentados até então. **Os depoimentos e as imagens captados por este jovem à procura da Verdade, revelaram-se um dos mais importantes documentos da história atual:** a coroação do trabalho de pesquisas que sendo realizado por inúmeros historiadores revisionistas em todo o mundo.

Evidentemente que a pessoa mais importante das que foram entrevistadas por Cole foi o próprio diretor do Museu de Auschwitz, o **Dr. Fransizek Piper**. Após as explicações de que as “mortíferas câmaras de gás” **foram construções de pós-guerra, feitas pelos soviéticos**, Piper demonstrou, frente à câmara, detalhes de como as “câmaras de gás” foram fabricadas: paredes foram removidas (a câmara mostra as marcas no chão e complementa com a planta original), aberturas foram feitas no forro e chaminés foram instaladas no teto para que o gás Zykon-B fosse lançado para dentro, tudo para que o prédio pudesse ser mostrado aos turistas do mundo como prova do “holocausto”

Mas o Dr. Piper vai além. Ele descreve outras “provas” da chamada “solução final” que foram fabricadas. Ele comprova o uso do Zyklon-B unicamente no despiohamento das roupas dos internos e — **como judeu, falando francamente a outro judeu — concorda que as descobertas e provas do expert Fred Leuchter, feitas à sua revelia, são corretas !** (Leuchter provou, através de testes científicos feitos em laboratórios, a não-utilização de Zyklon-B nas alegadas “câmaras de gás” — Veja o livro *Acabou o Gás*, da Revisão Editora).

No vídeo, David Cole explica que quando chegou à Europa, no outono de 1992, para fazer suas próprias investigações sobre o gaseamento de judeus durante a II Guerra Mundial, pretendia trazer um documento objetivo sobre suas descobertas. Além disso, ele se pôs em campo como judeu e não como um revisionista. Seu conhecimento do assunto é muito grande e sua honestidade maior ainda. Ele diz saber que para os alemães é totalmente impossível pesquisar sobre esta fraude do “holocausto”: as suas próprias leis lhes proibem isso e quem se aventurar a tanto sofrerá pena de prisão. Mas ele, como americano — e como judeu! — está livre destes impedimentos.

As tomadas de vídeo de Cole demonstram que os antigos dirigentes do “museu” de Auschwitz **fabricavam suas próprias provas**, no sentido de sustentarem a farsa do “holocausto”. Farsa que se revelou **a maior extorsão de toda a história**, pois somente a Alemanha já pagou mais de **um trilhão e 200 bilhões de dólares** a Israel desde a criação da engenhosa “holocaust Story”, ou seja, **dez vezes a impagável “dívida” externa Brasileira !**

Se depender dos falsificadores da História, o final desta sangria não chegará nunca, porém o Revisionismo Histórico, lenta e seguramente, está acabando com este trilhonário e macabro negócio.

O vídeo de David Cole, em VHS, pode ser encomendado por US\$ 49,00 para Liberty Library, 300 Independence Ave, SE, Washington DC, 20003, USA.

Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº12 – AGO/94

PASSADO EXPOSTO

Quem é que muda os manuais de história?

No passado dia 6 de Julho deste ano, a CIA desclassificou 27 mil ficheiros relacionados com os criminosos de guerra nazis.

Adolf Otto Eichmann que em 1946 conseguiu fugir de uma prisão americana, esteve escondido algures na Alemanha até 1950, tendo depois fugido para Itália onde se deu como refugiado, com o nome de Ricardo Klement. Ainda nesse ano com a ajuda de um padre franciscano com ligações ao arcebispo Alois Hudal, Eichmann obtem um passaporte da Cruz Vermelha e um visto para entrar na Argentina, tendo lá chegado a 14 de Julho.

Os ficheiros desclassificados mostram que a 19 de Março de 1958, a CIA recebe um memorando dos serviços secretos da RFA, que a informam que Otto Eichmann se encontrava na Argentina sob o pseudónimo de "Clemens" desde 1952.

Apesar da informação, os serviços secretos nada fazem por receio de que, as memórias de Eichmann expusessem o passado de Hans Globke, assim como de outros ex-nazis contratados pela CIA a trabalhar na Alemanha e não só, em plataformas anti-comunistas. Hans Globke foi director da Chancelaria federal entre 1953 e 1963 no governo de Konrad Adenauer e um antigo nazi, membro do Partido Católico Centrista, formado em Direito e Ciências Políticas que ajudou Hitler a formular as alterações constitucionais depois do Reichstag, assim como a escrever as leis raciais de Nuremberga, que em 1935 retiraram a cidadania aos judeus.

Oficiais Israelitas afirmam que em 1957, já sabiam que Eichmann se encontrava na Argentina, mas que a falta de qualquer nome ou pseudónimo, os obrigou a parar as investigações por uns tempos. Foram as informações reunidas por associados de Simon Wiesenthal ajudaram os israelitas a localizar Eichmann.

A 11 de Maio de 1960, conseguem raptá-lo à saída do autocarro e mantê-lo sequestrado por 9 dias até ao voo de partida do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban. Os agentes da Mossad fazendo-se passar por enfermeiros, transportam o corpo de Eichmann adormecido por uma injeção, e conseguem furar a segurança e metê-lo dentro do avião.

A família de Eichmann vende as suas memórias à *Life Magazine* para pagar a sua defesa em tribunal. A 20 de Setembro de 1960, num documento interno da CIA assinado por Allen Dulles, pode ler-se: "Entire material has been read. One obscure mention of Globke which *Life* omitting at our request". *De facto*, o seu nome não é mencionado nas memórias, a pedido da CIA.

Os documentos mostram também que os serviços secretos norte-americanos (na altura a OSS) aceitaram uma proposta para a criação de uma plataforma de espionagem composta por ex-oficiais nazis. Reinhard Gehlen foi o mentor deste grupo, rendeu-se à U.S. Army Counter Intelligence Corps na Bavaria e impressionou o General Edwin Sibert pelos seus conhecimentos sobre as estruturas políticas e militares da União Soviética. Gehlen revelou também a identidade de vários oficiais da OSS que eram membros do Partido Comunista da União Soviética.

A organização de Gehlen era composta, no início, por cerca de 350 oficiais das SS e agentes da Gestapo, acabando depois esse número a subir para os 4000 a trabalhar no bloco soviético, sob o nome inocente de South German Industrial Development Organization. Mais tarde este grupo recebeu o nome de Bundesnachrichtendienst e viria a ser um dos eixos da Gladio.

Ironicamente, um antigo oficial das SS, Tsherim Soobzokov, espião da CIA que trabalhava sob o pseudónimo de "Nostril", já tinha processado a CBS e o *New York Times* por difamação, agora vê o seu passado exposto nos documentos.

SUIÇA

Liberdade de Expressão

Por Roger Köppel

A sentença proferida contra Perincek, o turco que contesta a existência do Genocídio, é desagradável. As democracias combatem as opiniões erradas com argumentos, não com leis.

A semana passada, um tribunal de Lausanne condenou Dogu Perincek, o barulhento político turco de esquerda, a uma pena suspensa, devido à sua contestação do genocídio dos arménios, na Primeira Guerra Mundial. O veredicto foi consequência da aplicação da lei anti-racista suíça, que pune certas manifestações de opinião. O veredicto foi muito criticado na Turquia. Na Suíça, tudo se manteve curiosamente tranquilo, embora a sentença determine um corpo de delito notável: Mais uma vez, uma pessoa foi condenada, na Suíça, por defender uma opinião que certos grupos de pessoas consideram errada. Com isto, a Suíça aproxima-se de países como a Coreia do Norte, a Birmânia e a Turquia, onde, por regra, prendem as pessoas que emitem opiniões proibidas pelo Estado.

Ernst-Wolfgang Böckförde, antigo juiz constitucional, de Karlsruhe, criou a conhecida fórmula: As democracias liberais vivem de pressupostos que elas próprias não conseguem garantir. Não se pode exigir determinadas mentalidades, nem impor opiniões. Na base da democracias liberal está a convicção de que tudo o que é considerado certo pode ser questionado, impunemente, e exposto ao conflito das opiniões. Não é a determinação das certezas, mas a possibilidade da crítica e da discussão que une a sociedade no íntimo. Isto não é uma trivialidade. O grande feito libertador da era moderna consiste no facto de ter diluído dogmas e anulado verdades absolutas. Até tarde no século XX filósofos totalitários de direita e de esquerda pensavam que apenas a cimentação de doutrinas, a criação de sistemas ideológicos homogéneos, afinal, o reencantamento quase religioso das ordens políticas e a exclusão de tudo o que fosse heterogéneo podia garantir a estabilidade. Entretanto, surgiu a opinião que acontece precisamente o contrário: A guilhotina foi o instrumento eleito da ditadura ideológica jacobina sob a égide do furioso Robespierre. Tabus e a falta de liberdade de expressão geram ressentimentos, dissimulação, conspiração e fanáticos. Sobretudo, impedem o diálogo aberto e o concurso de ideias, que fazem parte das maiores conquistas e qualidades da sociedade moderna.

A sentença de Lausanne prova a inutilidade da lei anti-racista. Podemos considerar a atitude de Perincek abominável, ou podemos considerá-la certa, que cada vez mais pesquisadores consideram incontestável o massacre sistemático dos arménios pelos turcos. A discussão de tais acontecimentos não pode ser tarefa nem da justiça, nem da política. Pertence às instituições históricas, e deve continuar a ser permitido duvidar das interpretações aparentemente irrefutáveis. Algumas testemunhas do processo regozijaram-se com o facto de um tribunal ter reconhecido, finalmente, o genocídio dos arménios. O tribunal, por sua vez, salientou que não pretendeu conduzir um debate histórico, mas que fora determinante a decisão de um Parlamento local, por maioria, declarar o massacre dos arménios um genocídio. O que aqui fora considerado por todos como sendo o indício de uma civilizada cultura de direito, é um círculo vicioso no sentido do esclarecimento contrário. Desde quando é que entidades políticas são obrigadas a validar acontecimentos históricos?

A lei anti-racista está por princípio errada, mas também tem consequências fatais. Não apenas abafa discussões abertas, como também impede a pesquisa e introduz categorias duvidosas no discurso científico. Será que a deportação dos latifundiários russos e o deixá-los morrer à fome, propositadamente, levado a cabo por Lenin e Stalin, foi um genocídio? Como é que devemos julgar o tremendo banho de sangue chinês, perpetrado pelo Presidente Mão, que, segundo historiadores ingleses, matou 60 milhões dos seus compatriotas, durante o "grande salto em frente"? Será que os índios norte-americanos foram vítimas de genocídio? Será que os incas sul-americanos ou, no fundo, todas as tribos imoladas pelos incas, muito antes do aparecimento dos espanhóis, também o foram? Partindo do princípio que seja alcançado um acordo quanto aos conceitos a usar: Etiquetar estas acções de "genocídios" vai suspender qualquer futura investigação do tema? Por exemplo, o número das vítimas só deve ser retido no quadro de um catecismo jurídico-histórico, e duvidar nele será sujeito a sanções? Precisamente a Suíça, uma democracia à prova de terremotos, um arquétipo da liberdade, devia opor-se a tais tendências medievais.

Não faz mal dizer uma banalidade: As opiniões não se combatem com leis, mas com argumentos. Quem não acreditar na validade de provas concludentes, põe em dúvida a

dignidade do Homem, que inclui a liberdade, aliás, também a liberdade de errar. A lei anti-racista é o resultado da tentativa louca de estabelecer a opinião, a mentalidade certa através da legislação. Será difícil haver um afastamento maior da herança do iluminismo.

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=138&Itemid=52

JULGAMENTO DE NUREMBERGA

Análise à maior farsa jurídica do nosso século

Manuel Monteiro

Por J.A.C. e A.C.R. (este texto, extraído do Caderno Cultural nº 3 das Edições Último Reduto, é de 1982. Nesta data ainda não tinham 'suicidado' Rudolf Hess.)

Prefácio

"Quem escreve a História é sempre o vencedor – a história da sua vitória e a do vencido, cuja opinião nunca foi solicitada... e que ele nunca pode dar." - PAUL POESSON

Este estudo não pretende ser definitivo. Trata-se apenas de mais um concludente testemunho para a completa reabilitação da memória dos acusados de Nuremberga. 36 anos depois, chegou a altura de desmascarar toda a máquina montada para assassinar os dirigentes nacional-socialistas. É este o nosso dever.

Na fria madrugada de 16 de Outubro de 1946, numa velha sala do ginásio municipal de Nuremberga, foram enforcados dez dos principais dirigentes nacional-socialistas que, depois da maior paródia jurídica do século, passaram à História como os "criminosos" da II Guerra Mundial. Hoje, como acima foi dito, um estudo sério sobre as actas e processos deste julgamento levariam ao cancelamento da maior parte da sentença e demonstraria quão injusta é a "justiça" humana quando o juiz tem nas mãos a espada do vencedor, pendendo ameaçadoramente sobre a cabeça dos vencidos. Este processo foi o mais importante mas não o único. Até 1949 foram julgados pelos tribunais de desnazificação milhares de soldados e civis. Na esmagadora maior parte destes pretensos julgamentos o juiz limitava-se a ler a sentença que era invariavelmente a pena de morte. Todos os julgamentos tinham também em comum o facto de as condições celulares dos acusados serem as piores possíveis, desde a falta de instalações sanitárias e de comida aos espancamentos e torturas para obterem "confissões". Como exercício físico diário, os acusados de Nuremberga tinham apenas direito a passear num pátio de 30 metros durante 20 minutos, sendo obrigados a estarem distanciados uns dos outros 10 passos e sendo proibida qualquer troca de palavras, mesmo em voz baixa. Eram obrigados a dormir sempre para o lado direito, de maneira a estarem sempre virados para o guarda de serviço. Quando a meio do sono o corpo dava uma volta, eram despertados pelo postigo com um comprido pau. Juntando a isto a constante utilização de potentes focos para os interrogatórios, levou ao esgotamento físico dos acusados e à sua quase total cegueira. Recebiam amiúde a visita de psicólogos americanos que os estudavam com o mesmo entusiasmo com que um bacteriólogo estuda os seus bacilos. "Escutei testemunhas e li declarações escritas que os acusados foram golpeados, maltratados e torturados segundo métodos que não poderiam ter sido concebidos senão por cérebros doentes." (senador americano Joseph MacCarthy, em conferência de imprensa de 20 de Maio de 1949) "Os americanos disfarçavam-se de sacerdotes para ouvirem as confissões dos acusados, torturavam-nos introduzindo-lhes fósforos nas unhas e ascendendo-os, dilaceravam-lhes os dentes e as mandíbulas, deixavam-nos incomunicáveis e não lhes davam mais que rações de fome." (Edward van Roden, juiz em Nuremberga) Estes e outros métodos piores foram usados para conseguir confissões dos acusados que serviram de base para provar o "extermínio" dos judeus.

Os encarregados dos interrogatórios e que durante o julgamento fizeram parte do Ministério Público foram o ten.-cor. Burton, cor. Schumacker, ten.-cor. Byrne, ten.-cor. William Perl, Morris

Ellowitz, Harry Thon, M. Kischbaum e M. A. Rosenfeld. Um breve exame destes apelidos leva-nos à lamentável conclusão de que todos pertencem à santa raça judaica. Este processo teve também demasiadas anormalidades processuais. Qualquer deportado podia fazer uma "declaração testemunhal que se estime ter valor probatório" e qualquer pessoa podia também testemunhar sem ter um conhecimento concreto dos factos, bastando ter ouvido falar ou comentar por terceiros. Juntaram-se assim cerca de 300.000 declarações escritas, sob palavra. Mas, quiçá uma das facetas mais incríveis do processo foi o facto de não ter sido permitido aos advogados de defesa contra-interrogar essas "testemunhas". Qualquer referência destas às injustiças aliadas no Tratado de Versalhes também lhes estava vedada. Estes advogados de defesa estavam submetidos a uma forte pressão da opinião pública, habilmente conduzida pela imprensa que sensacionalisticamente apelidava os acusados de "as 21 pessoas mais perigosas do mundo". A casa de um deles, o dr. Max, foi assaltada e saqueada pela população, instigada por agentes sionistas. Certas associações jurídicas profissionais propuseram a sua expulsão colectiva do exercício da profissão. Houve mesmo alguns jornais que se insurgiram contra os banquetes que eram servidos aos acusados, sendo certo que nos últimos só recebiam pão e água. Enquanto toneladas de papéis da acusação eram despachados administrativamente com toda a celeridade, as alegações da defesa sofriam lamentáveis atrasos e várias provas importantíssimas desapareceram misteriosamente, criando graves obstáculos e contratempos aos advogados de defesa. Estes deviam entregar as suas provas aos fiscais acusadores, para estes examinarem, mas estava-lhes vetado examinar as provas da acusação. Isto ao abrigo do estatuto nº 13 do Tribunal Internacional de Nuremberga.

O artigo 6º da Carta dos Dois Tribunais para os Crimes de Guerra violou claramente o princípio *nulla poena sine lege* ao estabelecer que o facto de se preparar ou conduzir uma guerra constitui um crime contra a paz, quando não havia em Setembro de 1939 (nem depois) qualquer acordo ou lei de Direito Internacional nesse sentido. O princípio da não-retroactividade da lei é um pilar do Direito que aqui foi habilmente esquecido, tornando-se este julgamento numa vergonhosa farsa e num grave atentado à ideia de Justiça, além de que foram assassinados uma dezena de inocentes e outros sofreram longos anos de cárcere. Ainda hoje um deles: Rudolf Hess continua o seu martírio na fortaleza de Spandau-Berlim, pelo único crime de pretender a paz. Ironicamente o Tribunal condenou-o por crimes de preparação de uma guerra e crimes contra a paz. Até onde pode chegar o humor negro sionista. Também o Reichsführer SS Heinrich Himmler foi oportunamente suicidado. Com a sua presença e os seus conhecimentos como principal responsável das SS, seria totalmente impossível aos fiscais acusadores lançar como provas irrefutáveis os pretensos extermínios nos campos de concentração, maioritariamente situados na Polónia. A sentença correspondeu logicamente aos pedidos do Ministério Público. A máquina estava bem montada para condenar à morte por enforcamento os generais Alfred Jodl e Wilhelm Keitel que pelo facto de serem oficiais deveriam ser fuzilados, Ernst Kaltenbrunner, Hans Franck, Fritz Sauckel, Wilhelm Frick, Julius Streicher, Joachim von Ribbentrop, Arthur Seiss-Ynquart e Alfred Rosenberg. A este último suspenderam-no de forma a não morrer por ruptura cervical, como sempre acontece nos enforcamentos, mas por asfixia o que torna a morte muito mais demorada e horrorosa. O seu único supremo crime: ser um verdadeiro filósofo e permanecer fiel ao Führer até à morte. O comandante da Luftwaffe Hermann Goering conseguira suicidar-se dias antes, ainda hoje não se sabe muito bem como o conseguiu. Foram absolvidos von Papen, Hjalmar Schacht e Hans Fritzsche, os únicos que não eram nem nunca foram nacional-socialistas. Há inclusivamente provas que Schacht pertencia à Maçonaria e foi um dos principais sabotadores do regime, um dos muitos inimigos que Adolf Hitler tinha nas principais hierarquias do Exército e do Estado. Foram condenados a penas de 10 a 25 anos de prisão Karl Doenitz, Baldur von Schirach, von Neurath e Albert Speer, e a prisão perpétua Walter Funk, Erich Raeder e Rudolf Hess que, como acima foi dito, continua sepultado vivo numa fortaleza para 600 reclusos mas que actualmente apenas "hospeda" um velho desde há 41 anos. Todas estas irregularidades e injustiças, para já não falar em tantas outras que seria quase impossível aqui enumerar, fez com que, em 1948, o principal fiscal britânico sir Harley Shawcross exclamasse: "O processo de Nuremberga transformou-se numa farsa jurídica. Envergonho-me de dizer que fui um dos acusadores em Nuremberga, como colega desses homens: os soviéticos."

Porto, Junho de 1982

* * *

"Quis pôr-se cobro e castigar os crimes e violências de uma nação vencida e levada ao último desespero. Preço: a prática de crimes muito maiores, cometidos a frio, em nome de uma falsa justiça exercida pelos suspeitos acusados dessa nação, manchados com o mesmo

sangue que as suas vítimas". (Luís Cabral de Moncada, professor catedrático de Direito)

No ano imediatamente seguinte ao término da II Guerra Mundial, reuniu-se em Nuremberga um Tribunal Militar Internacional, com o fim de "julgar os crimes de guerra praticados pela Alemanha e pelo NSDAP, que a governou desde 1933 até ao fim da guerra". Este processo célebre culminou com a condenação à morte, pela forca, de dez dos vinte e um principais acusados, sendo os outros condenados a duras penas e até a prisão perpétua. Von Papen, Schacht e Fritzsche foram absolvidos como para demonstrar uma imparcialidade e uma neutralidade (e também por outras razões...) que nunca existiu neste julgamento-farsa.

Sim, julgamento-farsa!

Este processo, este famigerado processo, pode e deve ser considerado sem margem para dúvidas e sem o mínimo de receio de pecar por exagero, a maior farsa jurídica de todos os tempos, o mais vil e repugnante atentado à ideia de Direito e de Justiça.

Neste estudo, necessariamente reduzido e sintético, iremos procurar demonstrar numa série de pontos qual o verdadeiro objectivo - e notório! - dessa trapaça jurídica: a vingança fria e cruel da camarilha cobarde, a quem bem podem ser aplicadas as palavras de Ramalho Ortigão: "...quando vê o forte enverga a libré, quando vê o fraco aponta a pistola...". Dessa camarilha que tremeu de medo ao ver o seu (muito seu, mesmo...) sistema comunista-capitalista concentracionário, que dominava (e continua a dominar) o mundo, correr o risco de ser totalmente desmantelado.

Vamos seguidamente reproduzir e comentar as principais alíneas que constavam da acusação (em anexo reproduzimos na íntegra o líbelo da acusação para um conhecimento mais aprofundado).

1º- Os nacional-socialistas foram acusados de "se terem apoderado do Poder e terem subjogado a Alemanha à sua política de Estado".

Isto é, no mínimo, ridículo. O NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) obteve, nas eleições de 1933, 42.449.468 votos expressos, o que corresponde a uma maioria absoluta de 51,9%, com 230 assentos no Reichstag. Este triunfo foi ratificado nas eleições de 5 de Março do mesmo ano, ao conseguirem um aumento de 52 assentos, ou seja, 282 lugares para deputados. O NSDAP obteve 54% dos votos eleitorais e 69% dos votos efectivamente entrados nas urnas. Observadores da imprensa estrangeira deram testemunho da pureza democrática do sufrágio.

Como se comprova, a legitimidade democrática estava salvaguardada.

Quanto à segunda parte da alínea, ainda é mais ridículo. É óbvio que um governo necessariamente submeta os cidadãos à sua política de Estado, aceite e confirmada por esses mesmos cidadãos.

2º- Os nacional-socialistas foram também acusados de "preparar e lançar guerras ilegais de agressão, com quebra de Tratados".

Para começar, anteriormente uma guerra nunca tinha sido ilegal. Quem a ilegalizou foi a Carta do Julgamento e mesmo assim só depois de finda a guerra.

Um dos princípios fundamentais de todo o Direito é a não-retroactividade da lei (excepto em certos casos de Direito Penal em que se usa a retroactividade *in mitius* sempre para favorecer o acusado): se um governo proibir em 1983 o uso de bigode, ninguém poderá ser condenado ao abrigo dessa lei por usar bigode em 1982, já que tal disposição legal ainda não existia.

Vem a propósito transcrever aqui o comentário, deliciosamente irónico, fez sobre um diálogo com o acusador lord Jackson: "Eu disse o seguinte:

- Suponha que nós, americanos, perdemos uma guerra e alguém afirma que somos agressores. Que acontecerá então com a Carta?

Pela resposta obtida tirei a conclusão que o melhor que poderíamos fazer era não perder guerra

nenhuma!".

Quanto à quebra de Tratados, ninguém - e muito menos os Aliados - poderá atirar a primeira pedra.

Os signatários do Tratado de Locarno: Inglaterra, França, Itália, Polónia, Bélgica e Alemanha, comprometiam-se a respeitarem mutuamente as fronteiras, a não se aliarem militarmente com outros países sem consultar primeiro os restantes membros e a dirimirem os eventuais diferendos através de conferências internacionais. Pois bem, a França - e não a Alemanha - quebrou o Tratado logo que pôde. Sem consultar ninguém, cinicamente indiferente a tudo, aliou-se à União Soviética.

Fora do âmbito da Sociedade das Nações, em cuja eficácia todos iam perdendo a fé, foi assinado em Paris o Pacto de Briand-Kellogg, pelo qual os países signatários (EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Polónia e Bélgica) se comprometiam a renunciar à guerra como meio de política internacional. Na realidade o pacto não passou de um ensaio pobre da Conferência de Desarmamento, reiteradamente pedida pela Alemanha, que se amparava nas cláusulas ditadas em Versalhes pelos próprios vencedores em que todos se tinham comprometido a reduzir os armamentos. A Alemanha foi obrigada a cumprir e agora pedia aos outros que fizessem o mesmo.

Apesar das platónicas "recomendações" da Sociedade das Nações, a França recusa-se a levar a cabo (e mesmo a iniciar quaisquer conversações nesse campo) qualquer desarmamento. O Plano MacDonald de Limitação de Armamentos que consistia na abolição das chamadas "armas ofensivas": bombardeiros, tanques e artilharia pesada, é categoricamente recusado pela França.

Mas, quer os ingleses quer os americanos nada fizeram igualmente por qualquer desarmamento. A Alemanha pede que todos os países reduzam os armamentos, ou em caso contrário, que seja dada autorização ao Reich para aumentar o seu para um nível nunca inferior ao da França.

As sucessivas conferências de desarmamento que se vão realizando tornam-se em autênticas paródias. Os debates sobre o chamado "desarmamento qualitativo" atingem todos os limites e transformam-se em autênticas paródias. Os debates sobre o chamado "desarmamento qualitativo" atingem todos os limites e transformam-se em peças cómicas. Cada Estado considera ofensivas as armas que não possui ou possui em pequena quantidade e defensivas as que possui em grandes quantidades. Por exemplo, o delegado francês desbaptiza os carros de assalto e para atestar o seu carácter "defensivo" rebaptiza-os com o pacífico nome de "carros de combate". "O couraçado é uma arma defensiva, ao contrário do submarino que é uma arma ofensiva.", declaram virtuosamente os representantes francês e inglês.

É o delegado japonês que põe o dedo na ferida ao declarar: "Um navio de guerra é uma arma defensiva quando leva no mastro a bandeira inglesa ou americana, e é uma arma ofensiva em todos os outros casos".

Não satisfeita com o não-cumprimento das suas obrigações relativamente ao desarmamento, a França inicia a construção da linha Maginot, que se estende ao longo da sua fronteira com a Alemanha. A Sociedade das Nações nada diz sobre esta nova e flagrante violação, mas quando a Alemanha inicia, dez anos mais tarde, a construção da linha Siegfried, o seu porta-voz fará um berreiro ensurdecedor a propósito do "desenfreado militarismo alemão".

Violando ainda os compromissos assumidos, a França une-se por um sistema de alianças defensivas e ofensivas aos países da chamada "Pequena Entente" (Polónia, Checoslováquia, Roménia e Jugoslávia), ressuscitando a velha política francesa de cerco à Alemanha, à volta da qual bailam a "dança da morte" uma série de Estados hostis.

E que dizer dos soviéticos, que quebraram mais tratados do que de anos tem a revolução de Outubro, e dos ingleses que nunca cumpriram o Methween, o mapa cor-de-rosa, o 9 de Abril e o caso de Goa, Damão e Diu são alguns bons exemplos... E dos americanos que não há muito tempo denunciaram o seu velho tratado com a Formosa, por ocasião da "ocidentalização" da política da China comunista?

3º- Os nacional-socialistas foram acusados ainda de "desrespeito pela lei internacional". Em relação ao pretense extermínio de judeus?

Para começar, é tempo de se acabar com essa monstruosa mentira sobre gaseamento e cremação de judeus - QUE NUNCA EXISTIU!

A propaganda dos vencedores, e principalmente a propaganda judaica, procuraram todos os meios para fazer o mundo acreditar nessa imensa fraude: milhares de livros traduzidos para todas as línguas, centenas de filmes nas versões preto-e-branco e colorido, revistas, cartazes e panfletos, foram lançados em quantidades astronômicas sobre um público estupefacto. Relatos escabrosos recheados de pormenores arrepiantes, feitos por testemunhas "imparciais" apareceram como por geração espontânea. "A mentira repetida insistentemente, até à exaustão, massivamente, passa por ser verdade.", já alguém o disse e com toda a razão.

Mas há provas - e mais do que suficientes - que demonstram a falsidade deste mito. Vejamos apenas algumas:

A partir do final da II Guerra e até princípios de 1946, muitos escritores e jornalistas lançaram o número de 11 milhões, como sendo esta a quantidade de judeus exterminados. Outros, apesar de tudo mais moderados, contentaram-se com 8 milhões. Foram-se afinando os violinos e durante algum tempo subsistiu o número de 7 milhões e meio. Finalmente oficializou-se o de 6 milhões, embora no julgamento-assassinio de Eichman em Jerusalém, a promotoria ter referido só 5.700.000. Bom, mas para efeito de controvérsia fiquemos nos 6 milhões.

Segundo fontes oficiais judaicas (vide *New York Times* de 11/1/45, o qual reproduz dados oficiais da "American Jewish Conference") o número de judeus residentes na Europa por altura da subida ao poder do Nacional-Socialismo, em 1933, era de 5.600.000, incluindo os que viviam na URSS e que o Exército alemão dificilmente poderia ter capturado. É de uma lógica cristalina supor que os judeus tratassem de se proteger atrás do Exército Vermelho em vez de esperar tranquilamente que os alemães os conduzissem a campos de concentração.

Duas fontes díspares: uma suíça (*Baseler Nachrichten* de 13/4/46) e outra judaica (*Aufbau*, jornal judeu escrito em yiddisch, de 13 de Agosto de 1948. Este jornal publica-se em Nova York.) coincidem no número de judeus que emigraram, entre 1933 e 1945, para a Inglaterra, Suécia, Suíça, Península Ibérica, Canadá, EUA, América Latina, Austrália, Índia, África e Palestina: cerca de 1.440.000, procedentes da Alemanha, Áustria, Checoslováquia e em menor escala da Polónia, Roménia e Hungria. Por outro lado, o número de judeus que viviam em países neutrais, sem contar os recentemente imigrados, era segundo o *World Almanac* de 1942, pág. 594, de 413.128.

Isto é, dos 5.600.000 judeus que viviam na Europa em 1933, podemos eliminar como possíveis vítimas dos nazis 1.440.000, mais de 413.128 que já residiam em países neutrais (Inglaterra, Gibraltar, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça, Irlanda e Turquia europeia), o que reduz o número para 3.746.872.

Mas este número não é ainda o definitivo. Para se chegar ao máximo de judeus que estiveram dentro do raio de acção dos nazis (não propriamente os que foram internados, pois os judeus eram parte preponderante de todos os movimentos de resistência anti-alemã) há que descontar os que viviam na parte oriental da Polónia e nos países bálticos (subjugados pela URSS), e ainda os que foram evacuados para longe dos alemães. Segundo o historiador judeu Reitlinger, na sua obra *Die Endlösung*, pág. 34, o número de judeus emigrados para a área controlada pela União Soviética e portanto postos a salvo, era de 1.550.000. Isto baixa o número para 2.196.872. Outro judeu, Freilig Foster, na revista *Collier's Magazine* de 9/6/1945, assegura que "desde 1939 até à invasão nazi da União Soviética, 2.200.000 judeus dos ghettos do Leste europeu encontraram a salvação na União Soviética". Assim entre 2.200.000 e 1.550.000, há uma diferença de 650.000, que poderemos subtrair a 2.196.872, o que dá agora 1.546.872.

Para já, dos 6 milhões já só temos pouco mais de 1 milhão e meio! Mas, segundo a publicação "Unity in Dispersion", pág. 377, do "World Jewish Congress", "a maioria dos judeus alemães conseguiu abandonar a Alemanha antes que a guerra estalasse". Dos 280.000 judeus austríacos 220.000 emigraram, assim como 260.000 dos 420.000 judeus checos.

Na verdade, só ficaram nestes países a que podemos chamar o GrossDeutschland, depois de 1939, cerca de 360.000 judeus.

Não precisaríamos de ir mais longe mas, na sequência do que temos vindo a demonstrar, foquemos um outro aspecto: em 1938 existiam no mundo, segundo o *World Almanac* de 1947 e que se baseia nos números fornecidos pelo "American-Jewish Committee" e pelo "Statistical Bureau of American Synagogues", exactamente 15.688.259 judeus. Dez anos depois, ou seja, depois das "perseguições nazis" e do pretenso holocausto dos 6 milhões, havia em todo o mundo entre 15.600.000 e 18.700.000 judeus, conforme um artigo publicado no *New York Times* de 22/2/1948 (o proprietário deste jornal é o judeu e sionista Arthur Sulzberger) e subscrito por Hanson William Baldwin, homem muito conhecedor em questões demográficas.

Se tirássemos 6 milhões a 15.600.000, restariam 9.600.000 judeus... Só que entre 1938 e 1948 - época que inclui os anos da guerra e o pretenso holocausto de 6 milhões - a população judaica não sofreu qualquer alteração! Não cabe na cabeça de um preto que os judeus conseguissem em 10 anos, mesmo que todos os fisicamente aptos se dedicassem exclusivamente à procriação com todas as mulheres da sua raça, com idades compreendidas entre os 12 e os 60 anos, que houvesse um aumento de população quase da ordem dos 100%. Isso é totalmente contrário às leis da genética, por muito sexualmente obcecados que sejam os irmãos de Freud!

Muito mais poderíamos demonstrar, não fosse a nossa preocupação de sintetizar ao máximo este estudo. De qualquer modo, se a acusação de "desrespeito pela lei internacional" se refere exclusivamente ao extermínio de judeus, então o Tribunal tornou a "enfiar o pé na argola" e a errar crassamente, pois se ficou bem claro que não houve extermínio nenhum, então também não houve qualquer desrespeito por qualquer lei internacional.

4º- Os nacional-socialistas foram acusados de "escravatura e pilhagem das populações dos países ocupados". Mentira! Quem escravizou as populações e praticou as piores pilhagens foram os Aliados, antes e depois de 1945. Ainda hoje, os soldados das bases americanas instaladas na RFA, são autênticos senhores que fazem o que muito bem lhes apetece sabendo-se de antemão impunes.

E que dizer dos russos?

Homens nada suspeitos de simpatias com a Alemanha mas anti-comunistas, como Charles Maurras e Xavier Vallat, foram acusados de traição e colaboracionismo e condenados à morte pelos tribunais gaullistas, em que o Partido Comunista estava grandemente representado.

O marechal Pétain, o herói de Verdun, foi condenado à morte, e depois a pena foi comutada para prisão perpétua. Morreu no cárcere, quase centenário; enquanto que o velho comunista e desertor Thorez era nomeado por De Gaulle vice-presidente do Conselho de Ministros. O ex-primeiro-ministro Laval foi executado, depois de ter tentado se suicidar.

Pierre-Henri Teitgen, ministro da IV República, chegou mesmo a declarar que "Danton, Robespierre e os outros eram um grupo de amadores comparados conosco. Eles apenas condenaram 17.000 traidores, ao passo que nós executámos mais de 105.000!..."

105.000 condenados à morte! Mais os executados sumariamente, mais os que foram assassinados por "elementos incontrolados", mais os milhares de condenados a penas de prisão, desterro, trabalhos forçados e "indignação nacional"... Só por pensarem de maneira diferente, foram fuzilados escritores e poetas como Robert Brasillach, Paul Chack, George Suarez, Henri Béraud e muitos outros.

A "libertação" da Bélgica foi atroz. Levantaram-se mais de 346.000 processos por "colaboracionismo", houve mais de 57.000 condenações, quase todas à morte e as restantes a prisão perpétua ou a 20 anos de prisão. Houve também, como em todo o lado, as normalíssimas execuções sumárias. Como os "patriotas" não conseguiram capturar Léon Degrelle, o grande líder do Rexismo e combatente da Divisão SS "Wallonie" durante a guerra, assassinaram o seu irmão Édouard, que nunca tinha sido político na vida. Os pais de Degrelle foram encarcerados durante longos meses.

Na Holanda, Noruega e Dinamarca passou-se a mesma coisa. Na Itália, a repressão atingiu graus particularmente cruéis. O marechal Juin, que constava ser católico, redigiu por seu punho estas palavras na ordem do dia: "Prometo-vos solenemente que quando o inimigo for vencido, as casas, as mulheres e o vinho pertencer-vos-ão durante 50 horas. Durante esse tempo, podereis fazer o que vos apetece."

O balanço é eloquente: 60.000 italianas violadas em condições atrozes (raparigas, crianças, doentes, freiras, e até as internadas em manicómios).

Também na Suíça, na neutral Suíça, se considerou de bom gosto dar caça aos nazis e fascistas. A legação alemã foi assaltada e saqueada, os bens dos alemães residentes foram pilhados, os italianos fascistas ali refugiados foram entregues aos bandos comunistas de "maquis", que os executaram depois de os torturar selvaticamente.

Os ingleses não quiseram ficar atrás nesta cadeira de atrocidades, de escravatura e de pilhagem dos vencidos. 200.000 russos brancos e ucranianos do Exército de Vlassov, que se encontravam na Áustria ao terminar a guerra, foram entregues juntamente com os familiares aos soviéticos, e contra o que lhes tinha sido solenemente prometido quando da rendição.

Foi assim que se produziu uma hecatombe de milhares de suicídios de homens que mataram as mulheres e os filhos antes de se suicidarem. Todos os russos brancos, empurrados à frente dos tanques ingleses, foram entregues aos soviéticos, que não se fizeram rogados e perpetraram mais um holocausto. O mesmo aconteceu a milhares de anti-comunistas croatas, eslovenos, sérvios, eslovacos, ucranianos, checos e tantos outros.

Na Prússia oriental, 5 milhões de alemães foram expulsos dos seus lares. Um êxodo impressionante deu-se então em direcção à Alemanha Ocidental, onde os famigerados tribunais de desnazificação condenavam diariamente milhares de pessoas, em farsas jurídicas nas quais não era permitido aos acusados falar ou defender-se. Pior ainda aconteceu aos alemães dos Sudetas em 13 de Maio de 1945, dia do regresso do presidente Benès, vindo do exílio voluntário em Londres. A recepção que lhe foi feita em Praga colheu o mundo de horror: centenas de alemães pendurados de cabeça para baixo nas árvores da Avenida S. Wenceslau. Quando o grande humanitário chegou, os corpos foram empapados em gasolina e chegaram-lhes fogo, formando uma imensa cortina de tochas humanas.

Perto de 400.000 alemães foram assassinados só nos primeiros meses da "Libertação". Outros 3 milhões fugiram, depois de sofrerem as mais doezes humilhações. Massacres horrorosos ocorreram em Aussig onde dezenas de milhares de mulheres de todas as idades foram violadas e degoladas em seguida. Soviéticos, checos e judeus rivalizavam em brutalidades e sevícias contra a minoria alemã. Os médicos recusavam assistência às mulheres que tinham sido ultrajadas; muitas delas vieram a suicidar-se (só em Brno houve, num dia, 275 suicídios).

Terrível foi também a repressão na Hungria. 600.000 prisioneiros de guerra e 230.000 civis da elite nacional foram enviados para campos de concentração na URSS. Um judeu, Marton Hemler, com a assistência oficial das tropas de ocupação inglesas e francesas, dirigia a perseguição contra um quarto de milhão de magiares que se tinham refugiado na Baviera e na Áustria.

A repressão foi também pavorosa na Bulgária e na Roménia, onde Anna Pauker, a célebre hárpia judia, dirigiu pessoalmente a depuração dos militantes da Guarda de Ferro.

Em toda a Alemanha, organizou-se a pilhagem sistemática de livrarias e bibliotecas, públicas e privadas, assim como de hemerotecas e museus. Milhões de jornais, revistas e livros publicados na Alemanha entre 1933 e 1945 foram queimados em imensas fogueiras pelos defensores da liberdade de pensamento. Em nome da liberdade abstracta, foram suprimidas todas as liberdades concretas. Em nome da democracia, igualmente abstracta, foram impostas à Europa, e não somente à Alemanha, as listas negras, a censura, a irradiação, a deportação, a prisão, o assassinio, a perda de direitos civis... Em nome da igualdade, estabeleceu-se uma série de privilégios, prepotências e direitos especiais.

Embora durante a II Guerra tivessem perecido mais de 50 milhões de pessoas, só os judeus, e independentemente da sua nacionalidade oficial, receberam e continuam a receber indemnizações. Apenas eles foram compensados pelos prejuízos sofridos, reais ou imaginários, numa guerra provocada, em grande parte, pelos dirigentes sionistas.

De 12 a 15 milhões de pessoas do leste europeu foram expulsas dos seus lares sem qualquer indemnização e sem que os democratas do Ocidente - eles, tão humanitários! - tomassem qualquer medida para aliviar a sua sorte.

Obrigaram a Alemanha a "reconhecer" uma dívida de "reparações" no valor de 3 biliões e 600 milhões de marcos-ouro pagáveis ao Estado de Israel, que nem sequer existia quando as pretensas matanças de judeus "tiveram lugar".

A Alemanha e a Áustria foram tratadas de uma forma como nunca um país vencido o tinha sido até então. As populações foram tratadas com incrível desumanidade e "uma política de fome organizada foi introduzida por nós e ainda dura em 1948", como afirma o escritor norte-americano Francis Parker Yockey, enviado pelo governo dos EUA como juiz para Nuremberga e em virtude de se ter oposto a toda a farsa foi encontrado suicidado, mais tarde. Apesar dos Estados Unidos enviarem alimentos para todas as partes do mundo, recusaram-se a fazê-lo para os países vencidos, os mais duramente atingidos e os mais necessitados. Segundo o mesmo Yockey, "as rações alimentares foram fixadas, per capita, muito abaixo dos mínimos exigíveis, tanto quantitativa como qualitativamente, e muito rapidamente a desnutrição, as doenças de pele e degenerativas, começaram a matar pessoas às centenas de milhar." (vide *Imperium* de Francis Parker Yockey).

Ante uma população reduzida à mais negra miséria, as tropas de ocupação, brancas e de côr, viviam protegidas atrás das metralhadoras e do arame farpado. Toneladas de alimentos que sobravam e roupas usadas das tropas de ocupação foram queimadas no meio da rua, à vista de multidões famélicas e vestidas de farrapos. Quando em 1947 esteve prestes a estalar uma revolta geral, um dos governadores americanos fez anunciar oficialmente que se se produzisse qualquer revolta, seria esmagada com baionetas e espingardas e, se necessário, com fuzilamento de refêns (parece pois que os americanos quiseram aperfeiçoar as rudimentares técnicas usadas na repressão do levantamento do ghetto de Varsóvia, em tempo de guerra e chorado de baba e ranho pelos humanistas ocidentais, incluindo os Estados Unidos...).

Visto isto, nós perguntamos muito simplesmente: quem escravizou e pilhou as populações dos países ocupados?

Reproduzidas e comentadas que estão as principais acusações constantes da paródia jurídica de Nuremberga, cabe-nos ainda, muito sucintamente por absoluta falta de espaço, enumerar algumas das muitas falsidades processuais e incoerências constantes das actas do processo.

1º- As duas partes intervenientes no processo eram a Alemanha como réu e os Aliados como acusação. Logicamente e segundo as regras do Direito o juiz deveria ser um terceiro neutral. Simplesmente não foi assim! Os juizes eram os Aliados, que assim eram juiz e parte na contenda e que também muito naturalmente julgaram a contenda segundo os seus desejos. Falou-se muito de crimes mas nem uma palavra sobre os crimes colectivos de Katyn, de Hiroshima, de Nagasáqui, de Hamburgo, de Colónia, do braseiro de Dresden (o maior forno crematório que o mundo alguma vez contemplou), de Berlim e dos "maquis". Isto porque os autores dos crimes estavam presentes no tribunal, mas de colarinhos engomados e vestidos de toga...

2º- Crimes atribuídos à Gestapo, às SA e SS e à Frente do Trabalho nunca foram provados (nem nunca o serão pela simples razão que não existiram). A acusação baseou-se em "confissões espontâneas". Vamos agora ver como aconteceram algumas dessas "confissões espontâneas":

Obrigaram Sauckel, por exemplo, a proferir uma conferência e a fazer determinadas declarações, sob pena da mulher e dos filhos serem entregues aos rapazes da NKVD (actual KGB). Streicher foi torturado, brutalmente espancado e vergonhosamente humilhado por se ter recusado a beijar os pés a um preto; por fim, arrancaram-lhe os dentes a sangue-frio e, segurando-lhe na cabeça, escarraram-lhe na boca. Friedrich Gauss foi obrigado a prestar declarações falsas, sob pena de o entregarem e à família aos soviéticos, declarações essas que serviram para condenar à morte o ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, Joachim von Ribbentrop.

Quando estes métodos foram denunciados no Tribunal, os "juizes" da coligação democracia-comunismo tranquilamente argumentaram que tudo isso nada tinha a ver com o julgamento.

Mais tarde, o presidente dos Estados Unidos, o judeu Harry Salomon Truman, afirmou que o Julgamento de Nuremberga personificou o mais alto expoente de justiça democrática. Por uma vez, disse verdade! "Justiça Democrática" sim, mas não Justiça!

3º- Relativamente às dúvidas acusações de imperialismo constantes da acusação, seria suficiente

a resposta dada por von Ribentropp aos imaculados juízes de Nuremberga: "Nunca a política externa alemã tratou de planos para a dominação mundial. A Alemanha apenas tentou criar as mais elementares condições de vida para si, como o fez a Inglaterra quando se apoderou da quinta parte do globo e os Estados Unidos e a União Soviética o fazem hoje. Só que a Alemanha apenas pretendia os seus direitos legítimos (o "corredor polaco" e Dantzig, actual Gdansk, mas actualmente já nada tem de germânico pois a sua população foi compulsivamente degredada para as repúblicas orientais da URSS), quando a França e a Inglaterra desencadearam a II Guerra Mundial".

Apenas um pequeno comentário nosso: quando a União Soviética aproveitou a invasão alemã da Polónia para anexar metade do território polaco, as boas consciências da França e da Inglaterra não se sentiram obrigados a declarar-lhe guerra também!

Sobre muitas mais coisas nos poderíamos debruçar, desde a impossibilidade de defesa por parte dos acusados de acusações de pessoas que nem sequer compareciam no Tribunal e como tal não podiam ser contra-interrogados pelos advogados de defesa, até à apresentação de "provas" por parte da acusação, que com uma análise minuciosa não passam de falsificações. Os acusados foram submetidos a toda uma série de pressões exteriores, e até nem lhes foi permitido acolher advogados. Em consequência disso, alguns réus tiveram dois acusadores e nenhum defensor, ao mesmo tempo que o anti-semita Julius Streicher teve como patrono o judeu dr. Marx.

Como já foi afirmado, e contrariamente aos mais elementares princípios jurídicos, os Aliados eram juiz e parte, mas quem lucrou mais com toda esta farsa foram os judeus, e isso também é fácil de descortinar: dois mil e quatrocentos dos três mil funcionários que prestaram serviço no processo pertenciam à raça eleita por Jeová (vide *Os Conquistadores do Mundo* de Louis Marschalko).

Quando um dos acusados (concretamente Hjalmar Schacht) conseguiu demonstrar que tinha conspirado contra o governo do seu país, em tempo de guerra, foi absolvido com todos os pronunciamentos favoráveis por parte dos juízes.

Muitos militares ingleses e americanos, combatentes da frente de batalha, ficaram indignados com o tratamento que foi dispensado aos seus, embora inimigos no campo de batalha, camaradas de armas por parte dos generais emplumados do Estado-Maior e por parte da camarilha burguesa bolchevista-judaica.

O conhecido general Patton, um dos mais prestigiosos chefes do Exército americano, tentou opor-se aos nefandos crimes que em nome da sua pátria eram cometidos. Ainda quando comandava, na Alemanha, o seu sector de tanques das tropas de ocupação, ameaçou publicamente voltar para os Estados Unidos, abandonando o comando das suas tropas, e fazer ouvir a sua voz ao povo americano, explicando-lhe as infâmias cometidas em seu nome. Porém com rara oportunidade, teve um acidente. O seu jipe foi investido por um camião que se pôs em fuga. Transportado numa ambulância ao hospital, esta foi por sua vez quase esmagada por outro camião, do que resultou a morte do célebre general que tentou opor-se à indigna ocupação.

Outro general, o britânico Frederick Morgan, delegado da UNRRA na zona ocupada pela Inglaterra na Alemanha, pretendeu opor-se aos abusos dos judeus e dos soldados. Imediatamente, o judeu Herbert H. Lehmann pediu ao governo britânico a substituição de Morgan. Londres recusou-se inicialmente mas, em face das pressões do "Foreign Office", acabou por demiti-lo. Morgan teve a ingenuidade de acreditar que tinha sido a Inglaterra a ganhar a guerra e que ele tinha, como sempre, servido a "Old England" em vez de Israel.

O resultado final da vergonhosa farsa de Nuremberga foi a glorificação dos traidores e o castigo daqueles que tinham jurado, e que o cumpriram, com o seu dever de fidelidade à sua Pátria.

O *Daily Telegraph* de 1 de Outubro de 1948 publicou a seguinte notícia: "Quando foram lidas as sentenças de morte no Tribunal de Nuremberga, notava-se uma grande afluência de visitantes aliados... muitos dos quais acompanhados pelas suas esposas, que traziam vestidos da nova moda de Outono. A atmosfera nas bancadas do Tribunal, sob a luz crua das lâmpadas de magnésio, lembra irresistivelmente uma 'première' da moda do West End ou no Broadway Theatre...".

Verbi gratiae, Democratiae!...

Colocado em Geral às 23:41 de Domingo 21 Maio por [causanac](http://www.causanacional.net/index.php?itemid=104)
<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=104>

TINTIM

Thursday, November 27, 2003

Acho importante que textos como este não se percam por isso vou publica-lo aqui!

Este texto que vou agora postar foi feito em colaboração do camarada do brincalhao..

Vou só fazer uma pequena apresentação e depois passaremos ao centro da questão

Tintim

Personagem da banda desenhada Tintim é uma criação do belga Hergé (pseudónimo de Georges Remi) (1907-1983).

Hergé publicou 23 albúms e deixou outro inacabado.

As vendas dos albúms não cessam de aumentar desde 1935. Na década de 30 foram vendidos 52 mil albúms e na década de 80 as vendas ultrapassaram os 39 milhões. No total, em 55 anos de publicação, foram vendidos 151 milhões de albúms. Um fenómeno de sucesso.

Tintim politicamente falando..

Com Hergé morto e Tintim imortal, eis que o antigo general das SS, Léon Degrelle, tem a ousadia de escrever: «Tintim sou eu». E assim, o último oficial nazi que assume o seu uniforme, que aplaudiu Hitler e ajudou à ocupação nazi da Bélgica, deixa ficar mal o seu eterno amigo Hergé. E, ainda em pior estado, o herói da B. D. mais lido do mundo.

Neste texto tentaremos aprofundar como e com que legitimidade Leon Degrelle diz isto..

A Associação dos Amigos de Tintim, em representação dos seus muitos associados espalhados por esse Mundo fora, protesta. O antigo general das Waffen SS, Léon Degrelle, fundador do Partido Rexista belga, tem a ousadia de afirmar nas suas memórias: «Tintim sou eu». E a verdade é que, fisionomicamente, a semelhança tem cabimento, para além mesmo do pormenor das calças de golfe que Degrelle reclama suas. Se o Tintim envelhecesse poderia muito bem ser assim. Eis a história de uma saga que começa e acaba com o século: a de dois homens unidos pelo único adversário que De Gaulle encontrou à sua altura: Tintim.



Quem já conhece a obra de Tintim.. Repara de certeza que tintim é anticomunista (Tintim no País dos Sovietes), anti-americano (Tintim na América), colonialista (Tintim no Congo). Atributos que León Degrelle também tinha..

Vamos começar por esclarecer o seguinte Leon Degrelle e Hergé eram amigos ,companheiros e camaradas de longa data...

Vou falar agora um bocado sobre León Degrelle

Este era um velho colosso, este filho pródigo de Marte, Vivia em Puerto Banus, cerca de Málaga, num 8.º andar, rodeado de medalhas e fotografias do Fuehrer. Os espanhóis, que o acolheram em Dezembro de 1944, chamam-lhe D. José Ramirez Reyna. Nos anos 30, na Bélgica, jovem natural de Bouillon que após ter chumbado três vezes no último ano de Direito na Universidade de Lovaina se convertera aos seus dotes de orador e iniciara uma carreira política prometedora. Primeiro como jornalista, depois como editor e, finalmente, como fundador do Partido Rexista, em 1934. Aos 86 anos de idade, Degrelle foi o último chefe nazi vivo dado que já nos deixou á algum tempo.

Tintim é jornalista, Leon também o foi.. Imensas parcerças físicas, políticas na forma de vestir etc.. Eu neste texto pretendo apenas informar cada um tirará as suas elações..

Até ja chegou a ocorrer um debate na assembleia de França..

Sobre em que quadrante politico se enquadraria Tintim direita ou esquerda..

Chegou-se a Conclusão que a nenhum deles Tintim segundo eles era Fascista!!

Agora as explicações de Leon Degrelle para ele ser o Tintim e a explicação para algumas das outras personagens:

(palavras do próprio a quando de uma entrevista)

—Tintim, mon Copain é a verdadeira história do jovem repórter do Petit Vingtième ou a sua?

Léon Degrelle — O meu livro *Tintim, mon Copain* vai tornar pública não só a verdadeira história de Hergé e a minha mas as duas, pois as nossas vidas coincidiram fraternalmente, fraternalmente, reencontrando-se sempre, quer na imensidão das Américas, ao longo dos milhares de quilómetros da frente russa ou no amargo exílio espanhol. Não se trata pois da vida de um dos dois comparsas, mas sim da vida de dois cúmplices, um deles criando a partir do imaginário e o outro construindo a partir da realidade, movidos através das circunstâncias mais imprevistas por entusiasmos e reacções idênticas.

Tintim é um jovem aventureiro, determinado, audaz e muito charmoso. Reconhece-se nestes traços da sua personalidade?

L. D. — Não me arriscaria a auto-atribuir-me o qualificativo de «muito charmoso». Seria necessário perguntar à minha mulher. Conhece com certeza o provérbio que diz que quem se assemelha faz parelha. Logo desde o início da nossa juventude, Hergé e eu «emparelhámos». Mesmo no exílio, como poderá ver no meu livro. Hergé foi um companheiro admirável, não só meu mas de todos os nossos compatriotas perseguidos depois de 1945. Teve mesmo a coragem de afirmar muito claramente à imprensa: «Degrelle foi um herói.» Ora, nestes tempos de ódio quase demoníaco, era virtualmente obrigatório afirmar pública e caluniosamente que eu havia sido um «criminoso de guerra»! Hergé teve a extrema coragem de enfrentar os mais baixos insultos proferidos a meu respeito.

— Qual é a história de Tintim que prefere?

L. D. — É, incontestavelmente, Tintim no País dos Soviéticos. Porque Hergé foi muito particularmente com este álbum, um precursor, denunciando Estaline como o mais selvagem dos assassinos do século, enquanto alguns o apresentavam como um Messias e que o poeta Aragon proclamava: «O grande Estaline, Tu que fazes renascer o homem, Tu que fazer florir a Primavera...» Em 1975, Miterrand cantava ainda a glória da U.R.S.S. «sobretudo porque a sua revolução foi feita a partir de análises que nos são próprias». O Tintim de Hergé, por seu lado, desmascara logo em 1929 a ignomínia comunista, hoje feita em farrapos, mas, infelizmente, liquidada demasiado tarde, uma vez que os prejuízos são hoje irreparáveis.

Foi seguindo o exemplo de Tintim que partimos em 1941 para a U.R.S.S. com o objectivo de aniquilar aquele regime diabólico e de trazer vinte povos admiráveis para uma comunidade europeia. Em 42 tudo era possível. O nosso esforço para libertar aqueles países foi deitado por terra, não por um comunismo, que reduzido a si próprio teria sido inexoravelmente varrido, mas por um fanatismo aberrante de um Roosevelt que foi, logo antes de Estalinegrado, o grande fornecedor de armas e material dos soviéticos. Foram ainda os americanos que levaram Staline a Berlim, entregando-lhe, como escravos, 100 milhões de europeus de Leste. De 1945 a 1990, os americanos pagariam a factura daquela aberração, que lhes custaria centenas de milhares de dólares, em armamento nuclear, antes de terem assistido à queda da U.R.S.S., hoje desfigurada e sem dúvida irre recuperável durante muito

Eu tenho a minha opinião sobre se Tintim sera ou não Léon Degrelle.. Ou a juventude dele lá representada.. Não tenho duvidas que seja .. Mas para os mais cepticos basta pesquisar como eu fiz..

Tenho de agradecer ao Brincalhao.. Sem ele este texto não teria sido possível.

posted by Jovem : 2:51 PM

<http://lvsitania.blogspot.com/>

SIMPATIAS PELAS TESES NEGACIONISTAS

Ao Flávio Gonçalves:

Tivemos conhecimento de que:

1 - Foste ao Irão, com o objectivo de participar numa conferência negacionista organizada pelo governo do Irão, tendo-nos ocultado esse facto, alegando primeiro tratar-se de uma viagem de férias, e

quando se tornou inegável a participação na conferência, que terias ido como freelancer para a revista Focus. Quando confrontado com este facto recusaste-te a desvincular-te e do conteúdo da conferência e do regime Iraniano, dizendo mais tarde que "é tão democrático como o nosso"

2 - Aceitaste fazer parte de uma associação de "amizade" que está sob o controlo da embaixada do Irão.

3 - Produziste um blog cujo conteúdo não esconde simpatias pelas teses negacionistas do Holocausto, que encara este acontecimento histórico com extrema leviandade, não mostrando qualquer respeito pelas suas vítimas nem pelos correctos procedimentos de investigação científica.

4 - Integraste o sindicato Associação de Classe Interprofissional, tendo discutido os seus documentos fundacionais e outros, que são explicitamente incompatíveis com a tese da não existência do Holocausto, e seu consequente aproveitamento político, nomeadamente por defender-mos o anti-racismo, a igualdade, a justiça e a defesa dos oprimidos. Além disso, esses mesmo documentos defendem a independência em relação ao estado e o anti-capitalismo.

5 - Uma última tentativa de esclarecimento por parte de Miguel Negrão resultou num e-mail que confirma alguns dos factos acima alegados, nomeadamente, e citando do dito e-mail, que "não acredito no Holocausto" , "houve um aproveitamento por parte do Irão" e o "o nosso conceito de liberdade nada tem a ver com o conceito Árabe e Persa".

Todo este conjunto de evidências faz-nos pensar que não houve uma adesão sincera e consciente da tua parte, uma vez que os nossos princípios foram postos em causa pelo teu comportamento. Assim sendo, estás suspenso de todas as funções no sindicato até que seja decidida a acções a tomar em relação a este caso. Se quiseres contestar esta acusação tens 10 dias para o fazer, podendo enviar um e-mail acinterpro@gmail.com . Se for teu desejo evitar o processo que segue poderás também abandonar de tua livre vontade o sindicato.

A comissão disciplinar:

Damião Braga
Jorge Azevedo
Manuel Baptista
Miguel Negrão
Pier Francesco Zarcone

Acção disciplinar - my answer

Estimados ex-camaradas,

Lamento imenso ter-vos causado qualquer inconveniente, a opção de abandonar o sindicato já tinha sido ponderada por mim depois da nossa conversa aquando da última vez que nos encontramos.

Referi ao Miguel que escrever um texto repudiando o regime iraniano iria soar a falso uma vez que existem fotos minhas com 2 ministros iranianos, ele questionou se eu me iria demitir duma associação que já se encontrava em processo de extinção, e acabamos por não aprofundar o assunto, ele também não estava consciente da minha posição acerca do Holocausto: não acredito, e tenho todo o direito de não acreditar.

Ponto 1 - Fui ao Irão por me encontrar de férias, isso é um facto, como esse período bateu com o da Conferência e eu já conhecia alguns "revisonistas" pela internet juntou-se o inútil ao desagradável,

como estou ligado a uma das associações de amizade Portugal Irão, existem duas, iria também aproveitar para estreitar laços com o ministério dos negócios estrangeiros. Já efectuei trabalhos para a revista brasileira *Humanus*, o *American Free Press* dos EUA e demasiadas publicações virtuais para as nomear. Um jornalista da *Focus* e outro do *Expresso* expremiram interesse na minha viagem, o *Expresso* como fonte no local e a *Focus*, através de um dos seus jornalistas - só mantive contacto com ele, Frederico Duarte Carvalho, de ascendência judia - propôs que eu escrevesse um artigo para a revista, que acabou por não ser editado porque se "esqueceram", um erro humano que não creio ter sido de má fé e que até foi bom, uma vez que poupou a minha imagem pública. Na edição especial do *American Free Press* relativo à conferência estou referido como "jornalista e pesquisador português", uma vez que já conheciam o meu trabalho dissidente noutros projectos internacionais, entre eles sou tradutor da "AFRE", ONG ligada à ONU para os direitos das minorias, se bem que o meu trabalho tem sido mais de tradutor e divulgador do que de "jornalista".

Referi que o regime iraniano é tão democrático como o nosso "(ou o nosso tão anti-democrático como o deles)", e creio não ser mentira. A nossa associação está a ser extinta pelo Estado ou não? O governo iraniano perdeu as eleições regionais, isso não me parece demasiado autoritário. A maior parte dos muçulmanos acreditam que democracia e liberdade são sinónimos de Islão, vi igrejas cristãs, a comunidade judia iraniana não se queixa de perseguições, os estudantes da Universidade de Teerão que queimaram fotos do presidente não foram presos, vi jornais e música anti-regime, e com receio de que a informação estivesse a ser manipulada vagueei sozinho por Teerão sem guia e sem controlo aparente para ter a certeza de que não estariam a manipular o que eu via.

Atacar o Irão ia colocar-me ao mesmo nível do **Nuno Rogeiro**, dispenso vivamente isso, esse senhor é visitante frequente da Embaixada de Israel e defende interesses obscuros.

Ponto 2 - correcto.

Ponto 3 - o meu blog explicita ser pessoal e enumera exemplos de descrentes judeus, eu sei que os judeus foram perseguidos e sofreram, discordo tão só com a tese de um plano deliberado para a sua extermínio. Sinceramente não consigo conceber que pessoas humanas fossem capazes de tamanho plano maquiavélico.

Ponto 4 - não vejo em que ponto dos estatutos me seja proibido questionar o Holocausto, os revisionistas são na sua maior parte libertários comunistas e os pioneiros foram membros da resistência que estiveram internados em campos, mas colocam e colocaram a Verdade acima dos seus ideais anti-autoritários, coisa rara no homem moderno.

Tenho amigos africanos, asiáticos e judeus. Adicionalmente a minha ex namorada é bissexual e tem (ou teve, que já não falo com ela desde início de Dezembro) uma namorada judia, dificilmente me poderão acusar de ser racista ou discriminatório seja para o que for.

Ponto 5 - esclareci, honesta e sinceramente, o Miguel Negrão, preferiam que eu tivesse mentido? Não funciono assim.

Por último, a minha adesão na ACINTERPRO foi sincera e consciente, lamento que não pensem assim.

A bem do bom nome da associação - e admito que ser relacionado com revisionistas é nefasto a nível público, uma vez que a comunidade judia da Bélgica apresentou queixa-crime contra mim e que estou listado como terrorista na página de uma agência anti-terrorista israelita - e não vos pedindo que respeitem o direito à minha opinião e a liberdade de a defender, aceito o vosso pedido de abandonar o sindicato de livre vontade, vou sentir falta de todos vós, principalmente das conversas com o Pier Francesco e o Manuel Baptista, e estou sempre ao vosso dispor e desejo-vos a melhor das sortes na construção de um sindicato libertário e anti-autoritário e no reavivamento do movimento anarquista português, que está entre o moribundo e o estado cadavérico.

Não era minha intenção implicar a associação nas minhas crenças pessoais, gostei de vos conhecer, e a título pessoal a minha porta está sempre aberta para qualquer um de vós.

Flávio Gonçalves

20 de Janeiro de 2007

Associação de Classe acinterpro@gmail.com

Associação de Classe Interprofissional

<http://www.acinterpro.org>

AO TRABALHO

O Congresso para a indagação do Holocausto, em Teerão, em 11/12 de Dezembro de 2006

Por **Bernhard Schaub**

Há cerca de um ano, o Governo do Irão anunciou um congresso para estudar o Holocausto, algo que desencadeou um considerável nervosismo na cena mediática ocidental. Ao mais alto nível político, tudo foi feito para impedir a conferência. Choveram protestos por parte dos EUA, de Israel, da UE e da República Federal da Alemanha. O jornal suíço *SonntagsBlick*, de 17.12.2006, resume essas tentativas da maneira seguinte: «Angela Merkel, a Chanceler da Alemanha, declarou: 'A Alemanha jamais aceitará que o Holocausto seja posto em causa'». O Comissário da Justiça da UE, Franco Frattini, disse que se tratava de uma «afrenta contra o mundo democrático». O Ministério dos Negócios Estrangeiros dos EUA declarou que «os EUA condenavam o Congresso». E o Primeiro-Ministro israelita, Ehud Olmert, afirmou que o Congresso testemunhava o «carácter inaceitável do regime iraniano, que era uma ameaça para toda a cultura ocidental». (*Tachles* de 15.14.06)

É curioso que este congresso, no qual seria discutido um controverso tema histórico, tenha desencadeado uma tamanha insegurança nos poderosos do Mundo. Parecem ter um medo incrível da verdade. Em contrapartida, há que admirar a coragem do Governo iraniano que, no meio de toda essa indignação, se manteve calmo e realizou o congresso da forma planeada e na data prevista, em Teerão. É a coragem de quem sabe que a verdade nada tem a temer da mentira.

Conferência do Holocausto em Teerão, 11/12.12.06

A VRBHV (Associação para a Reabilitação dos Perseguidos por Contestarem o Holocausto) enviou uma delegação de nove pessoas para Teerão, entre eles Arnold Höfs e Bernhard Schaub, dois membros da Direcção.

Algumas impressões da nossa viagem ao Irão. Para começar, o Irão é tudo menos um estado policial. A entrada no país não é nada complicada. Alguns participantes só pediram o visto no aeroporto de Teerão, e não tiveram qualquer problema com isso, apesar dos funcionários não poderem saber o que nos levava lá. No dia seguinte, quando fizemos uma visita surpresa ao Instituto de Estudos Políticos e Internacionais, para os primeiros esclarecimentos, de início fomos tratados como desconhecidos, mas com grande cortesia, e circulámos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros livremente, como isso jamais seria possível no nosso país, nomeadamente, na Alemanha ou na Suíça.

Em segundo lugar, o Irão está livre de álcool e de pornografia, as duas coisas que tanto confundem a cabeça e o espírito e enfraquecem a força de vontade – também política – dos europeus. Embora as mulheres iranianas andem de cabeça tapada, utilizam o véu de formas diferentes. Desde uma severidade religiosa, passando por uma estética solene até uma elegância cosmopolita. Elas estão totalmente integradas na vida do dia-a-dia, têm empregos e são seguras de si próprias.

Isto também se aplica à secretária no Ministério dos Negócios Estrangeiros que foi a primeira a receber-nos e a assegurar-nos que, como perseguidos políticos, podíamos pedir em qualquer altura asilo político ao Irão, e que seríamos bem-vindos. Mais tarde, isto foi-nos repetido pelo Prof. Ramin, da Universidade de Teerão, tal como pelo Presidente

Ahmadinedchad, no seu discurso aos convidados.

O Dr. Mohammadi, do Ministério Iraniano da Cultura e Investigação, abriu o Congresso, na segunda-feira, às 9 horas. De pé, escutámos o hino nacional iraniano e uma passagem do Corão. Seguiu-se a leitura de saudações do Presidente Ahmadinedchad e do Primeiro-Ministro Mottaki.

Para grande surpresa de muitos participantes, o primeiro orador foi Moshe Arye Friedman, rabino ortodoxo, de Viena de Áustria. O rabino Ahron Cohen, dos EUA, e quatro ortodoxos anti sionistas vieram dar o seu apoio ao Congresso. Não restam dúvidas quanto à estratégia que, com isso, pretendem seguir, nomeadamente, tentar salvar para o judaísmo o que ainda haverá para salvar, depois do mito do Holocausto se desmoronar. Têm esse direito. Além disso, transmitiram um quadro pitoresco para os media e, com a sua presença, salientaram que, embora o Congresso fosse de tendência anti sionista, nada tinha de antisemita.

O segundo orador foi o Nestor do revisionismo científico, o Professor Robert Faurisson, de França, que, com o seu habitual brilhantismo e segundo o espírito da tradicional racionalidade francesa, desenvolveu as suas teses e colocou questões. Até terça-feira à tarde, seguiu-se uma série de congressistas, entre eles nomes conhecidos como Lady Michèle Renouf, da Grã-Bretanha, Professor Lindtner, da Universidade de Copenhaga, o germano-australiano Frederick Töben, do Adelaide-Institute, Serge Thion, de França, Professor Bradley Smith, dos EUA, Eng. Wolfgang Fröhlich, o advogado Dr. Schaller, da Áustria, e mais alguns europeus e americanos. Mas acima de tudo, tivemos a oportunidade de conhecer uma impressionante série de personalidades do Mundo Islâmico, tal como, políticos, diplomatas, cientistas, publicistas do Irão, Síria, Jordânia, Marrocos, Argélia, Tunísia, Bahrein, Tajiquistão, Malásia, Indonésia e Índia. Entre os visitantes, também se encontravam alguns negros africanos da Costa do Marfim. Ao longo de todo o Congresso, estiveram presentes estudantes iranianos que seguiram as intervenções com grande interesse, tomando apontamentos em persa.

Terça-feira de manhã de, foi a minha vez de discursar e ler o VRBHV. Markus Haverkamp, membro da nossa delegação, traduziu o meu discurso de alemão para inglês, devido ao facto das línguas do Congresso apenas serem o persa, o árabe e o inglês.

Foi especialmente no primeiro dia que os media estiveram presentes em peso. Dei entrevistas à televisão e à rádio do Irão, à ZDF, ARD, aos repórteres da 'Stern' e ao 'Handelsblatt'. No meio disto tudo, reparei numa agradável particularidade iraniana. Como é sabido, os jornalistas dos media ocidentais são detectives do seu sistema político e trabalham, de preferência, com truques e perguntas-armadilha. A televisão do Irão começou por me mandar sentar, entregou-me um papel com seis perguntas pedindo que escolhesse três para responder e deu-me sempre vários minutos para as minhas respostas. Os jornalistas iranianos não se consideram mestres de escola, nem carrascos, mas transmissores objectivos de assuntos, e enfrentam os seus entrevistados com respeito.

Na segunda-feira, os participantes de língua alemã tiveram a oportunidade de conhecer uma personalidade muito especial: o professor iraniano Mohammad Ali Ramin, um dos oradores. Graças a ele e a sua mulher terem vivido vários anos na Alemanha, ambos falam correntemente alemão. O Prof. Ramin apresentou-nos a sua proposta para a criação de uma fundação científica para a pesquisa independente do Holocausto, que de início estaria sedeadada em Teerão. Na terça-feira, durante o intervalo do almoço, a ideia foi apresentada aos demais participantes e foi aclamada por todos. O Professor Ramin, que foi designado Secretário-Geral da futura Fundação, e incumbiu-me de apresentar a nossa decisão ao Presidente, durante a recepção agendada para essa tarde.

Às três da tarde, apareceram os autocarros em frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros e levaram os cerca de setenta convidados para a residência do Presidente. O controlo das pessoas à entrada foi preciso, correcto e cordial. Depois de todos nos termos sentado na sala de audiências, apareceu o Presidente Ahmadinedchad, que recebemos de pé com aplausos. Após a leitura de uma passagem do Corão e da saudação proferida pelos organizadores do Congresso, os participantes tiveram a oportunidade de dirigir algumas palavras ao Presidente. A simpática proposta foi logo aceite e no quadro desta comunicação, voltei a dizer algumas palavras, desta vez em alemão, enquanto o filho do Prof. Ramin as traduzia para persa. Citei, entre outros, o Evangelho segundo São João: *A verdade tornar-vos-á livres* e Goethe: *A sabedoria só existe na verdade*. Depois comuniquei a criação da Fundação e os seus objectivos.

Após um intervalo em que os muçulmanos abandonaram a sala para irem fazer as suas orações, o Presidente dirigiu-nos a palavra. No seu discurso de meia hora, explicou-nos os objectivos da política iraniana. Quase que os podemos resumir nas frases seguintes: liberdade para os povos, paz entre os Homens, libertação do domínio mundial sionista e verdade na pesquisa da História, em especial na pesquisa do Holocausto. Ele disse textualmente: «O Irão é a pátria dos livres-pensadores». Todos os perseguidos são bem-vindos a refugiarem-se neste

país. E expressamente saudou a criação da nossa Fundação.

Os aplausos nunca mais paravam e os convidados rodearam o Presidente. Os guardacostas tentaram dominar a situação, mas parece que o Presidente dissera que permitissem os convidados aproximarem-se dele. Assim, pudemos, sem entraves, apertar-lhe a mão e agradecer pessoalmente. Todos sentiram a força que irradiava dele, uma mistura de cordialidade, energia e fé profunda.

A este ponto alto seguiu-se outro. Fomos convidados por Sua Excelência o Ministro dos Negócios Estrangeiros para um jantar oficial onde nos deliciámos com a cozinha iraniana e pudemos transmitir pessoalmente os nossos agradecimentos ao Ministro. Este exprimiu a sua esperança numa colaboração futura e disse a sorrir: «Quem bebe da água de Teerão, volta sempre».

O último acto da nossa visita ao Irão teve lugar, na quarta-feira à noite, nas salas para convidados do Ministério dos Negócios Estrangeiros onde, num círculo mais restrito de cerca de trinta pessoas, debatemos a ideia da Fundação. Decidiu-se que, sob a presidência do Prof. Ramin, uma comissão de cinco pessoas iria ocupar-se do estabelecimento da Fundação e planearia a realização de novos congressos em todo o mundo e a criação de uma biblioteca central com literatura especializada. Foram eleitos para a comissão, Lady Michèle Renouf (Grã-Bretanha), Prof. Christian Lindtner (Dinamarca), Serge Thion (França), Frederick Töben (Alemanha/Austrália), Bernhard Schaub (Suíça). Foi muito aclamada a proposta de se conseguir a colaboração de Jürgen Graf, cientista e escritor suíço, a viver exilado na Rússia. Graf não é apenas um famoso especialista expatriado, mas, devido aos seus conhecimentos linguísticos, estaria como que predestinado para exercer uma actividade destas.

E agora, ao trabalho. O encerramento do Congresso, em Teerão, não foi um fim, mas oxalá um princípio com consequências imprevisíveis.

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=33

CONFERENCIA DE TEERÃO

Plano de Paz Internacional

Fonte: Recht + Freiheit Presseclub Schweiz, Apt. 4008 Basileia Nr. 1 + 2 Março 2007

De Moishe Arye Friedman

Rabino geral da comunidade judaica ortodoxa antisionista de Viena

O rabino Moishe Arye Friedman é um de vários judeus antisionistas ortodoxos que tomaram parte na Conferência de Teerão, sobretudo como observadores. Estes judeus acusam o Estado de Israel de ser blasfemo. Segundo a sua convicção é vontade de Deus que o povo judaico viva disperso até à vinda do Messias. A sua atitude perante a questão do Holocausto é diversa. Alguns aceitam a versão oficial e condenam, pura e simplesmente, a utilização do Holocausto para fins políticos, outros, tal como o rabino Friedman, são de opinião que o número de mortos judeus, na II Guerra Mundial, é muito exagerado. O rabi antisionista tomou parte na Conferência de Teerão em memória “dos meus familiares que morreram no Holocausto” (n-tv 7.1.2007).

*Discurso proferido por ocasião da Conferência “Review of the Holocaust: Global Vision”, 11/12 de Dezembro de 2006, em Teerão.**

Com a ajuda de Deus Todo-poderoso, Besmelahor Rahman Er Rahim, do Santo Profeta Mohammad Salla-Ilahu Alehye Wa-alehi wa Sallam! Com muito respeito pela República Islâmica do Irão e em alta consideração pelo seu supremo dirigente religioso, Aiatolah Chamenei, pelo Presidente da República Islâmica do Irão, Mahmud Ahmadinedchad e o povo do Irão, quero agradecer, na minha qualidade de verdadeiro amigo de longa data da República Islâmica do Irão e como rabino geral da comunidade judaica ortodoxa, de Viena de Áustria, o amável convite que me fizeram. A singular honra deste convite tocou-me muito.

Nos últimos 60 anos, a Humanidade, independentemente de religião, raça ou nacionalidade, foi confrontada com um “conceito de Holocausto”, que serviu de motivo para muitas guerras, mas também para a chantagem económica. Desde aí, especialmente os palestinos e o Mundo Islâmico têm sido sujeitos a inúmeras atrocidades. Tudo isto é justificado

pela argumentação de que milhões de judeus foram mortos num tal Holocausto. Contudo, até hoje, não existe a possibilidade de se fazer uma pesquisa livre sobre os factos históricos, nem sobre os verdadeiros responsáveis, nem falar abertamente sobre o assunto, apesar de terem surgido grandes dúvidas sobre as conexões e os acontecimentos históricos. Os principais responsáveis pela perseguição dos judeus criaram uma religião do Holocausto, juntamente com os sionistas, que não acreditam minimamente em Deus, e cujo objectivo é exterminar a fé em Deus no Mundo. Esta religião do Holocausto exige aprovação mundial e considera-se acima de todos os acordos internacionais, da Constituição dos vários Estados e das diferentes religiões.

Cientistas e publicistas independentes, que exigem uma investigação objectiva e um debate sobre o Holocausto e a sua instrumentalização política através do sionismo, são eliminados ou, no mínimo, declarados criminosos e condenados a longas penas de prisão.

Neste sentido, temos de chamar a atenção para o facto de que os verdadeiros culpados pelas atrocidades cometidas na II Guerra Mundial, foram financeiros e sionistas.

Como descendente de uma ilustre família de rabinos europeus e como rabino geral da comunidade antisionista ortodoxa da Áustria, debruçei-me toda a vida sobre o sionismo, o Holocausto e as suas consequências, do ponto de vista histórico, político e religioso. Assim, as consequências do mau uso estratégico destes acontecimentos históricos são-me conhecidas. Assisti horrorizado a como a nossa religião e identidade judaica e o nome dos meus antepassados eram abusados, através da falsificação de acontecimentos históricos e da instrumentalização política. Através da simples menção do dito “Holocausto histórico” é perpetrado um novo Holocausto sobre os palestinianos e o mundo árabe-islâmico, com atrocidades sem exemplo na História da Humanidade. Estas decorrem, ainda por cima e ao contrário do Holocausto histórico, à vista de todo o mundo, sem que os palestinianos tenham a mínima esperança e possibilidade de se protegerem.

Está cada vez mais claro que esta instrumentalização do Holocausto conseguiu transformar o direito internacional numa via de sentido único e a coberto do mesmo causar sofrimento às pessoas.

A conferência de hoje vai tratar das seguintes questões:

1. O sionismo e o seu papel no mundo de hoje;
2. A Europa cristã e a perseguição histórica dos judeus;
3. Examinar os documentos históricos do Holocausto;
4. Examinar as possibilidades técnicas e físicas do massacre dos judeus;
5. As ligações entre o sionismo e o nazismo, a política comum e os valores culturais;
6. O papel do Holocausto na fundação e estabelecimento do regime sionista e a sua manutenção;
7. Examinar os objectivos do sionismo internacional na propagação do Holocausto;
8. Resultados e consequências do Holocausto para o Mundo islâmico e o povo palestiniano;
9. O significado da palavra “Holocausto”;
10. O papel dos média, da literatura e do cinema na propaganda do Holocausto;
11. As invenções quanto à incineração de judeus e a necessidade de criar uma comissão de fiscalização.

Para começar, um breve resumo da autentica identidade judaica

A nossa verdadeira identidade sempre foi e continua a ser a religião judaica, a prática da nossa fé. Os judeus ortodoxos aceitam a diáspora que nos foi imposta por Deus. O exercício do poder, indiferentemente de que tipo, seja pelas armas, seja de natureza económica ou mediática, é-nos interdito. O nosso caminho apenas pode ser o espiritual. Por isso, rejeitamos totalmente o Estado de Israel e o movimento político dos sionistas, sob todos os seus disfarces. Principalmente, jamais poderemos aceitar a presença sionista em Israel, visto que Deus nos proibiu voltar para a Palestina como povo, ou como potência política. Essa terra não pertence aos judeus, nem bíblica, nem historicamente. Esperamos e rezamos, e faremos tudo o que estiver em nosso poder para conseguir uma Jerusalém liberta do sionismo e o regresso dos seis milhões de refugiados palestinianos à sua pátria. É por isso que apoiamos a luta da República Islâmica do Irão contra o sionismo e a favor não apenas do povo islâmico do Médio Oriente, mas de toda a Humanidade. O nosso caminho é o da fé, daí que só vemos a salvação no regresso às raízes da fé em Deus, indiferentemente que se trate de muçulmanos, judeus ou cristãos.

Por a admirável conferência de hoje só ser um início e muito restar ainda por fazer, esforçar-me-ei por dar um pequeno contributo ao ler uma parte dos acontecimentos históricos para

podermos tirar as conclusões certas, isto é, chegar a propostas de solução concretas. Mas vamos primeiro aos factos:

1. Theodor Herzl, o fundador do sionismo, falou, curiosamente, num dos seus primeiros diários, de seis milhões de judeus que, supostamente, corriam perigo, na Europa. E disse que só seria dado a oportunidade para a existência de um estado judaico se acontecesse uma catástrofe com esses seis milhões de judeus europeus.
2. Como uma das suas primeiras acções, os fundadores do sionismo, que são realmente uma seita criminosas, foram até à Alemanha instigar a animosidade contra os judeus.
3. Ao mesmo tempo, os sionistas tomaram todo o tipo de medidas internacionais para provocar, humilhar e boicotar o povo alemão, tendo feito *lobbying*, com sucesso, contra a Alemanha, junto de todos os governos do mundo, nomeadamente, a Rússia bolchevista, Inglaterra e América, entre outros.
4. Foram os rabinos ortodoxos antisionistas e a Igreja católica que mais se opuseram aos sionistas.
5. Tanto antes como durante a I Guerra Mundial, os bolchevistas e os ingleses mencionaram os tais seis milhões de judeus que, supostamente, corriam perigo de extermínio, por parte dos alemães, para justificar essa guerra e apresentar o povo alemão com um inimigo perverso.
6. Após a tomada do poder dos nacional-socialistas, em 1933, organizações sionistas, na Palestina, deram os parabéns a Hitler, por escrito, salientando o que tinham ideologicamente em comum e oferecendo a sua colaboração.
7. Pouco depois, a convite do Jewish Agency sionista, funcionários nacional-socialistas, viajaram para a Palestina onde foram recebidos com muita simpatia.
8. Em 1934, durante um encontro entre Adolf Eichmann e o futuro presidente israelita Chaim Weizmann, perante a sugestão deste último de expulsarem os judeus da Alemanha, Eichmann fez a seguinte pergunta: “Herr Weizmann, acha que podem receber tantos judeus?” Este respondeu: “Teremos muito prazer em receber aqui as forças capazes de lutar por nós na Palestina e trataremos dos demais da maneira como se trata de lixo inútil”.
9. Após a anexação da Áustria, em 1938, Hitler deu ordens para deixarem em paz a comunidade israelo-sionista, e esta colaborou extensivamente com Adolf Eichmann, aliás, mais do que se esperava dela.
10. Depois da II Guerra Mundial, as comunidades sionistas prosperaram imenso em todo o mundo – revigoradas pelo pretendo assassinio dos seis milhões de judeus – e com esta justificação chantagearam não apenas a Alemanha, mas toda a comunidade internacional, incluindo a Igreja Católica, a ter uma atitude política benevolente e a disponibilizar enormes meios financeiros para a criação e estabilização do Estado terrorista de Israel.
11. Decerto que ainda não se conhece o número exacto das vítimas da perseguição nacional-socialista aos judeus. Em 1990, o número original de quatro milhões de vítimas, em Auschwitz, foi reduzido para cerca de 900.000 a 1,1 milhões.

Conclusões:

1. O povo alemão jamais seguiu uma estratégia para o extermínio do povo judaico. No início, os nacional-socialistas pretendiam expulsar os judeus da Alemanha. Quem realmente tinha interesse no genocídio dos judeus eram os sionistas, para conseguirem o apoio (de natureza política e financeira) necessário para estabelecerem um estado judaico em Israel.
2. O número de seis milhões de vítimas foi e é uma invenção sionista.
3. Se falamos de um “eixo do mal”, tem de ser em relação aos negócios do Holocausto e o apoio prestado aos objectivos criminosos dos sionistas.
4. Através do negócio do Holocausto, a própria Igreja Católica foi chantageada e afastada das suas raízes religiosas, através do Concílio Vaticano II.
5. Só em virtude da instrumentalização do Holocausto para objectivos políticos, para a chantagem política, é que os ingleses permitiram e possibilitaram a imigração (ilegal) de um grande número de judeus europeus na Palestina, com a finalidade de correr com os palestinianos que lá viviam.
6. Daí resulta, que o terrível sofrimento do povo palestiniano e as catástrofes para o mundo árabe-islâmico, a ele ligados, tenha unicamente sido possível, e continua a sê-lo, através desta instrumentalização estratégica do Holocausto.
7. Abalados na sua fé, os judeus antisionistas e as Igrejas cristãs, através da instrumentalização do Holocausto – que podemos designar como uma “religião

- política” –, podiam ser levados parcialmente a apoiar esta religião do Holocausto.
8. Nesta situação, os Direitos Humanos e a democracia só são vias de sentido único, sentido esse definido pela religião do Holocausto. Assim a forma escandalosa como o Governo do Hamas, democraticamente legitimado, é tratado pela maioria dos países do mundo; remete para este duplo padrão de Direitos Humanos e da autonomia concedida aos diferentes povos. Uma situação que brada aos céus!
 9. Foi o mundo islâmico quem menos cedeu, perante a religião e ao negócio do Holocausto, dado a República Islâmica do Irão e os países a ele ligados se apoiarem na sua fé profunda em Deus e nas suas raízes islâmicas, repudiando o sionismo e a religião do Holocausto, considerando-os os seus maiores inimigos.
 10. A religião do Holocausto, a instrumentalização do “Holocausto”, tal como acontece hoje, é manifestamente um mito e assenta em factos históricos.
 11. O mundo árabe e islâmico nada teve a ver com a perseguição dos judeus pelos nacional-socialistas, na Europa, portanto não pode ser responsabilizado por isso. Antes pelo contrário, o mundo islâmico do Médio Oriente passou a ser, nos últimos anos, vítima de um verdadeiro Holocausto, que está a ser executado perante os olhos do Mundo. Para os judeus que se mantêm fiéis à fé é uma vergonha enorme que tudo isso aconteça precisamente pelo mau uso do nosso nome e da nossa religião.
 12. Uma paz verdadeira só é possível entre povos e comunidades religiosas que se mantêm fiéis à sua religião. O maior perigo para essa fé em Deus e daí para a paz mundial é, sem dúvida, a religião do Holocausto, a instrumentalização política do Holocausto, que também é utilizada agora para atacar os interesses legítimos da República Islâmica do Irão e do seu povo. Ao fim e ao cabo está planeada a destruição das bases existenciais do Irão com o argumento de que é preciso evitar um novo Holocausto iminente.

Sugestões de solução

Plano de paz internacional da comunidade judaica ortodoxa de Viena.

Fundamentos históricos e espirituais:

Como comunidade judaica ortodoxa entendemo-nos como antisionistas. Não levando em consideração o facto de o sionistas terem provocado deliberadamente a catástrofe dos judeus no pretense Holocausto para assim alcançarem o seu objectivo, ou seja, o estabelecimento do Estado de Israel. O seu desejo principal sempre foi dominar a economia mundial. Para nós judeus ortodoxos, qualquer forma de exercício do poder, tanto de natureza militar como de natureza económica, é uma revolta contra a vontade de Deus. Aceitamos a diáspora como o destino que Deus nos impôs, até à vinda do Messias, considerando, deste modo, qualquer tipo de política do poder interdita aos judeus. O nosso caminho só pode ser espiritual. Para o judaísmo antisionista ortodoxo a religião é, e sempre será, a única fonte verdadeira da identidade judaica. Consequentemente, não existe qualquer tipo de ponto comum entre nós e as seitas sionistas, extremistas, disfarçadas de ortodoxas, como o movimento Kach-Kahane-Chabad-Lubawitch, entre outros, que são frequentemente apresentadas como representantes do judaísmo ortodoxo pelos media. Ao contrário destes movimentos, nós reconhecemos que, tanto bíblica como historicamente, a Palestina não pertence aos judeus. É por isso que centenas de milhar de judeus ortodoxos rezam pela dissolução do Estado de Israel e a devolução dessa terra ao povo palestino.

Há que salientar, como ponto de partida histórico, que já na I Guerra Mundial, a Inglaterra, para conseguir o apoio do *lobby* sionista americano, para os EUA entrarem na guerra, assinalou - contra todas as promessas feitas aos árabes - que toleraria em silêncio uma imigração judaica na Palestina. Algo que resultou na catástrofe que, até hoje, fez cerca de 6 milhões de refugiados palestinos. Há que salientar que não pode ter sido medo do futuro que levou a maioria dos emigrantes para a Palestina, depois de 1945, já que na altura não existia qualquer tipo de perigo para os judeus na Europa. E foi sempre muito claro que uma imigração judaica maciça para a Palestina seria numa catástrofe para a população árabe.

Condições fundamentais do nosso plano de paz:

As condições fundamentais para uma paz mundial justa são, sem dúvida, a suspensão das terríveis e intermináveis perseguições da República Islâmica do Irão, do Mundo Islâmico e do povo palestino. Isto está intimamente ligado aos ensinamentos e às consequências do passado da Alemanha e do Vaticano, ou seja, com o facto incontestável que a Alemanha e o Vaticano desde o início eram, e ainda são, os maiores e mais maciços

apoiantes do regime criminoso sionista. Se a Alemanha e o Vaticano estiverem dispostos a tirar as ilações e conclusões certas do seu passado, deviam garantir que pessoas inocentes jamais passassem por sofrimento igual ou pior. Deviam pôr-se ao lado dos mais oprimidos, isto é, dos palestinianos e do mundo islâmico que, até à data, têm de pagar um preço colossal pelo crime de outros (com o qual o Irão nada tem a ver). Ou seja, deviam apoiá-los realmente, em vez de, através do apoio dado aos opressores, prosseguirem com um Holocausto muitíssimo pior.

Acresce que é a Alemanha que fornece o armamento mais perigoso para o regime sionista, por exemplo, os famosos submarinos atómicos que também representam uma ameaça para o Irão.

Tanto a Alemanha como o Vaticano falsificaram, de propósito, factos históricos. Até se fizeram passar pelos salvadores do verdadeiro judaísmo, alegando que tinham actuado no seu interesse.

Uma possível solução do problema da Palestina está estreitamente ligada ao segundo alargamento da Europa, onde as consequências catastróficas da I e II Guerra Mundial ainda se fazem muito sentir. Aqui a luta dos países europeus é de proteger a sua identidade que, devido à elevada taxa de imigração, sobretudo na Alemanha e na Áustria, se transformou num problema existencial. No caso da Alemanha, cresce o facto que, após a expulsão de cerca de 15 milhões de alemães, a Polónia e a Tchéquia têm enormes territórios que são incontestavelmente alemães, mas que hoje estão abandonados e, em parte, devastados. Contra todos os princípios da União Europeia, a expulsão e a expropriação de milhões de alemães, mediante o total desprezo pelos Direitos Humanos, continua ainda hoje.

Onde poderão estar as soluções concretas?

1. Uma condição seria o regresso dos povos europeus a um legítimo orgulho nacional e às suas raízes culturais, ao qual pertence, evidentemente, uma fé profunda. Só depois é que se poderá restabelecer a desenraizada cultura europeia e recultivar a nível político.
2. Seria possível o regresso à sua pátria original de uma parte significativa de judeus, oriundos da Polónia (Galiza) e dos territórios do Leste da Alemanha, que imigraram para a Palestina, algo que só poderia ser útil para a reconstrução desses países. Ao mesmo tempo, também devia ser legitimado o direito a uma pátria para os alemães desalojados.
3. A concretização do princípio de igualdade para todos os desalojados a nível internacional, ou seja, para todos os árabes, alemães, judeus, etc. é a base para uma paz durável.
4. Em Antuérpia, há centenas de judeus de língua polaca desempregados. Também estes podiam contribuir muito para o desenvolvimento económico da Polónia, na medida em que se instalasse, nos territórios do leste alemão, uma Bolsa de diamantes e se transferisse para lá os judeus acima mencionados, para iniciar uma grande obra de construção.
5. Também se devia pensar no regresso dos israelitas turcos para a sua pátria de origem, correspondendo aos Direitos Humanos que agora estão lá em vigor.
6. Finalmente, o regresso de todos os refugiados palestinianos à sua pátria é condição fundamental para qualquer paz verdadeira.

Para terminar, quero dar os meus sinceros parabéns à República Islâmica do Irão, aos seus dirigentes, a Sua Excelência o Presidente Mahmud Ahmadinedchad, pelos magníficos resultados obtidos em tão pouco tempo, ao povo do Irão, aos jovens a quem o regime sionista em todo o mundo quer roubar o futuro. Desejo a todos muita sorte, em todos os sentidos, na construção de um novo futuro. Como amigo de longa data do vosso país posso garantir-lhes que muito se podem orgulhar dos vossos dirigentes e afirmar que se encontram em boas mãos. Pela nossa parte, vamos activar todos os meios em nosso poder para atingir os acima mencionados objectivos.

Que Deus os proteja do regime sionista e guarde o vosso povo maravilhoso!

* Fonte: Peter Toepfer, participante na conferência (parcialmente sintetizado e corrigido)

Nota GRIFO: A presença dos cerca de meia dúzia de Rabi na Conferência de Teerão foi fortemente criticada. Muitos deles sofreram ataques de diversa ordem após o seu regresso. Este Rabi de Viena de Áustria viu os seus filhos expulsos do colégio que frequentavam. Resultado da intolerância da direcção do colégio em relação à opinião acima publicada. Quando, como de costume, este Rabi de Viena de Áustria, pouco em seguida, visitou o Campo de Auschwitz, para prestar homenagem aos seus familiares aí perdidos, acabou por ser atacado fisicamente de tal forma que pouco faltou para ser linchado. Porém não consta do Rabi ter retirado nem

uma palavra sequer do que acima disse.

http://www.grifo.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=140&Itemid=1

HOLODOMOR

Presidente ucraniano quer prisão quem negar crimes de Stalin e Hitler

Kiev, 29 mar (EFE).- A Rada Suprema - ou Parlamento da Ucrânia - aceitou hoje a tramitação de um projeto de lei apresentado pelo presidente, Viktor Yushchenko, que contempla penas de prisão para todos que negarem o Holocausto judeu e o genocídio de milhões de camponeses ucranianos por Stalin.

O projeto, que qualifica explicitamente de "genocídio" as tragédias ocorridas nos anos 30 e 40, prevê multas e penas de até dois anos de prisão, informou a assessoria de imprensa da Presidência ucraniana.

Yushchenko, no poder desde janeiro de 2005, considera que a aprovação da nova lei permitirá consolidar a idéia da tolerância zero diante de qualquer forma de violência.

"A adoção da lei responde aos padrões democráticos europeus e contribuirá para aumentar a autoridade da Ucrânia no mundo", assinalou.

Uma série de países já reconheceu como genocídio a coletivização forçosa de terras ucranianas por Stalin, e também promulgou leis que atribuem responsabilidade penal aos que neguem o genocídio de milhões de judeus por Hitler.

A Áustria, a Romênia e a República Tcheca dão penas de prisão entre 6 meses e 10 anos aos que negam o Holocausto, enquanto na Alemanha e em Israel as penas não superam 5 anos de prisão.

O Parlamento francês aprovou, no ano passado, uma lei em relação ao genocídio de um milhão e meio de armênios pelo império otomano, que prevê sanções contra os que neguem os crimes.

Em novembro, quando o Parlamento ucraniano reconheceu como genocídio o Holodomor, como é conhecida a crise de fome na Ucrânia em 1932 e 1933, Yushchenko se conformou em pedir multas para os que negassem o fato.

Segundo historiadores locais, entre 7 e 10 milhões de ucranianos, camponeses e proprietários em sua maioria, morreram na campanha de coletivização stalinista, mais que o dobro das vítimas da ocupação nazista.

Historiadores russos consideram que a crise de fome não foi uma limpeza étnica dirigida à eliminação de um povo (ucraniano) ou de uma nação, como a ONU define o genocídio, mas da classe dos proprietários de terra.

Por outro lado, seus colegas ucranianos rebatem a versão, já que a coletivização não teria atingido "só" os fazendeiros, mas todo o povo ucraniano por causa de sua ânsia independentista.

Países como os Estados Unidos e o Canadá, com uma numerosa população ucraniana, além de Itália, Geórgia, Austrália, Argentina, Polônia, Hungria, Lituânia e Estônia já reconheceram o Holodomor como um genocídio.

Em 1930, Stalin lançou seu ambicioso plano de transformação de pequenas propriedades agrícolas em cooperativas estatais, processo que deveria se completar em dois anos e que foi aplicado com especial violência na Ucrânia, então "o celeiro da Europa" e um dos maiores produtores de trigo do mundo.

Muitos camponeses ucranianos resistiram, o que provocou a ira do líder russo, ordenando que fossem confiscados os produtos agrícolas e comestíveis durante um ano para enfraquecer a oposição.

Segundo diversos historiadores, na primavera de 1933 chegaram a morrer até 25 mil pessoas diariamente, e muitos casos de canibalismo foram documentados, como mostram os relatórios da KGB (a Polícia secreta soviética) e as cartas das vítimas.

Ultimo Segundo 29/3/07

http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/03/29/presidente_ucraniano_quer_prisao_quem_negar_crimes_de_stalin_e_hitler_734013.html

NO CHILE

debate revisionista no chile?

Soube pelo insuspeito **Holocausto / Shoa** da existência de um debate revisionista no **Chile** no próximo dia 15, reproduzo aqui o cartaz e vou dar uma vista de olhos à veracidade da mesma.

Os revisionistas têm tendência a trabalhar isoladamente e é normal que eventos destes sejam de conhecimento de apenas alguns, já por várias vezes aponte este "defeito" revisionista (se o **Bradley Smith** não aproveitar apenas as imagens que filmou quando estava comigo em Teerão, na rua Pasdaran, poderão verificar a minha crítica à ausência de uma estratégia mínima entre os revisionistas que foram ao Irão, não nos encontramos nem planeamos nada, foi cada homem por si).

A informação que tenho diz respeito a uma conferência internacional na **Argentina**, não no **Chile**, e só mais para o final do ano. Aguardo também a conferência internacional que será financiada pelo governo iraniano este ano, a localização mais provável que nos foi dada em Dezembro foi a **Índia**, mas com o vento de guerra que por aí anda dúvido até que seja efectuada alguma nova conferência com o peso da de Teerão este ano.

Instituto revisionista por la libertad de expresion (IRLE)

posted by Flávio Gonçalves

arrastao.weblog.com.pt/arquivo/NunoRogeiro.jpg

EVITA AFRONTAR

A demissão do ensino britânico

O *Jerusalem Post* divulga um estudo sobre algumas escolas britânicas que renunciam falar do Holocausto nas aulas de história com medo da minoria muçulmana, por vezes violenta, que nega que os judeus tenham sido exterminados pelos nazis. Um grande número de professores britânicos evita afrontar o anti-semitismo latente e o negacionismo dos estudantes muçulmanos.

Esclarecimento

Na sequência da informação que circula net e que foi [aqui citada](#) anteriormente, o director executivo da Comunidade Judaica do Chile esclarece que David Feuerstein e Ricardo Israel não participam na conferência «Holocausto ou Holocuento». Presumo que tudo não passe de uma peça de desinformação, uma vez que a mesma fonte também afirma que local mencionado para o encontro não foi reservado. Correção efectuada e satisfação por ser assim.
13 DE ABRIL DE 2007

De loucos...

No mesmo dia (15 de Abril) em que se celebram um pouco por todo o mundo as cerimónias de recordação das vítimas do Holocausto, em Santiago do Chile acontece um encontro bizarro denominado «Holocausto ou Holocuento?». Organizado pelo Instituto Revisionista por la Libertad de Expresion tem o patrocínio de uma Universidade de Concepción e da Editorial Científica 'Serguei Nilus'. Não deixa de ser curioso que uma pretensa editora científica tome o nome do falsário Serguei Nilus, primeiro editor russo dos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Colaboram na iniciativa o site neo-nazi Libre Opinión, a Rádio Islão, do muçulmano e panfletário nazi Ahmed Rami, e a Asociación de Jóvenes por Palestina. Entre os oradores encontramos Miguel Serrano, papa espiritual dos neo-nazis místicos que gosta de posar junto a fotos do jovem Adolfo [[clique no cartaz para o ampliar](#)], e Pedro Varela, antigo *fuhrer* de uma organização neo-nazi espanhola. Que dois nazis de opereta queiram dar uma conferência

para quatro cabeças rapadas é um direito que Ihes assiste. Mas o que motiva David Feuerstein, presidente da Sociedad Chilena para Yad Vashem, vir caucionar e promover este acontecimento?

<http://holocausto-shoah.blogspot.com/search/label/negacionismo>

TOTALITARISMO

UE fecha acordo para punir racismo e negação do Holocausto

BRUXELAS - Os 27 membros da União Europeia concluíram um acordo nesta quinta-feira para transformar o racismo e a negação do Holocausto em um crime em todo o bloco.

O compromisso ainda precisa ser aprovado a nível nacional pelos Estados membros, segundo fontes diplomáticas.

Metade dos países da UE incluíram reservas parlamentares ao acordo, acrescentaram as mesmas fontes, que citaram um compromisso "ad referendum".

O texto, adotado após cinco anos de discussões, prevê sanções mínimas para combater o racismo e a xenofobia, assim como a negação do Holocausto.

Ultimo Segundo 19/04/07

http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2007/04/19/ue_fecha_acordo_para_punir_racismo_e_negacao_do_holocausto_758227.html

Europa Decide Que Negar Holocausto É Crime

A União Européia aprovou nesta quinta-feira um projeto de lei que transforma em crime a incitação a agressões racistas e a negação de qualquer genocídio reconhecido por tribunais internacionais, como o Holocausto. Quem incentivar a violência contra indivíduos devido à origem étnica, nacional, racial ou religiosa estará sujeito *a penas que variam entre um e três anos de prisão.* As mesmas penas se aplicam para quem negar ou banalizar genocídios e crimes contra a humanidade. *A nova lei coloca a União Européia no caminho aberto por países como França, Alemanha e Bélgica, onde negar o Holocausto já é considerado um delito.*

6:2=3

Israel promove ato em memória de vítimas do Holocausto

JERUSALÉM - Israel lembra as vítimas do nazismo com um dia de luto, iniciado na noite deste domingo no Museu Yad Vashem de Jerusalém com um ato onde seis tochas são acesas, uma para cada milhão de judeus assassinados entre 1939 e 1945.

"Não há palavras que possam explicar, nem idioma com o qual compreender", disse a presidente interina de Israel e titular do Parlamento, Dalia Itzik, ao abrir o ato realizado todos os anos uma semana antes das comemorações pelo Dia da Independência de Israel.

Itzik, que substituiu o presidente de Israel, Moshé Katsav - acusado de assédio sexual e estupro - afirmou: "não temos o direito de esquecer, nem a autoridade para perdoar" aqueles que cometeram esses crimes.

Seis milhões de judeus morreram nos guetos e campos de concentração do regime nazista entre 1939 e 1945 devido a uma política para acabar com o judaísmo europeu por meio de um plano conhecido como "Solução Final".

O Museu de Yad Vashem, conhecido como Museu do Holocausto, conserva os nomes de **três milhões** das vítimas e convocou o período de luto, sob o lema "conservar o testemunho", antes que os últimos sobreviventes morram.

Sobreviventes

Segundo dados divulgados pelo jornal *Yedioth Ahronoth* de Israel, atualmente há cerca de 250

mil sobreviventes do Holocausto, 73% deles com idade superior a 76 anos e dos quais morrem aproximadamente 30 todos os dias.

A alguns metros do museu, vários jovens fizeram manifestações com cartazes para reivindicar maior apoio econômico e institucional às vítimas da tragédia.

Neste domingo, o primeiro-ministro israelense, Ehud Olmert, exortou os sobreviventes a não ocultarem sua experiência e pediu aos que ainda não deram testemunho que contem sua história antes de morrer.

"Cada vítima que se cala até seu último dia leva o testemunho para o túmulo", afirmou Olmert, ao destacar a importância da transmissão da memória para combater as teorias que negam o Holocausto e o anti-semitismo.

Um relatório do Instituto para o Estudo do Anti-semitismo, mantido pela Universidade de Tel Aviv, revelou hoje que o número de ataques contra interesses de judeus no mundo aumentou significativamente em 2006.

O presidente do Museu do Holocausto, o ex-ministro Yosef Lapid, também sobrevivente da "Shoah" (Holocausto em hebraico), falou hoje sobre os massacres que acontecem na região sudanesa de Darfur para exemplificar que o mundo "não aprendeu a lição".

Memória

Depois dos discursos políticos, as tochas foram acesas, uma delas por Yacov Handeli, um judeu sefardita de 79 anos que se dedica a contar sua história aos visitantes do Museu.

"A 'Shoah' não pode mais voltar a acontecer, porque agora temos o Estado de Israel. Antes não tínhamos para onde ir", disse Handeli, que nasceu na cidade grega de Salônica e com treze anos foi enviado ao campo de extermínio de Auschwitz, onde toda sua família morreu.

"Quando perguntávamos aos soldados quando veríamos nossa família, apontavam a chaminé do crematório dizendo: 'esta fumaça são teus pais'", contou o sobrevivente.

Vídeos relataram a dura história de cada um dos seis sobreviventes entre o silêncio do público, interrompido apenas por alguns choros ou por gestos de carinho a outras testemunhas do Holocausto que lembravam os que morreram.

"Se os países que foram mostrados querem nos compreender, pensem na 'Shoah', porque nós pensamos nela a cada dia. E se dizemos que nunca mais se repetirá, significa que nunca mais correremos riscos, nem permitiremos outro Yad Vashem", afirmou Tomi Lapid, sobrevivente do gueto de Budapeste.

Orações, cantos e o hino de Israel ("Hatikvá") encerraram a cerimônia, enquanto as seis tochas representavam os ausentes.

Incidente

Nesta segunda-feira às 10h (4h em Brasília), as sirenes soarão em Israel para lembrar os que morreram no Holocausto, enquanto nos colégios e nos centros culturais serão realizados atos em memória das vítimas.

A cerimônia desta noite foi marcada por um incidente diplomático entre Israel e o Vaticano. O embaixador do Vaticano em Israel, monsenhor Antonio Franco, negou-se a participar da cerimônia devido a uma fotografia do Papa Pio XII, que está exposta no museu com um texto que questiona a conduta do Papa durante o extermínio dos judeus na Europa.

A polêmica foto foi colocada no museu em 2005 e todas as tentativas do Vaticano para retirá-la fracassaram até o momento. No entanto, uma carta enviada pelo diretor do museu, Avner Shalev, ao monsenhor Franco fez com que ele mudasse de idéia.

Estado de S. Paulo 15 de abril de 2007

<http://www.estado.com.br/ultimas/mundo/noticias/2007/abr/15/139.htm>

Seis milhões ? Não. três. Seis milhões e propaganda.

HUMANISMO

HISTORIADOS FRANCÊS QUE NEGA O HOLOCAUSTO É AGREDIDO NA ITÁLIA

TERAMO (ITÁLIA), 18 MAI (ANSA)- Robert Faurisson, historiador francês que nega o Holocausto, foi agredido em um bar na cidade de Teramo (na região de Abruzzos, na Itália). A notícia foi divulgada hoje pelo professor Claudio Moffa, organizador de um encontro público com Faurisson na Universidade de Teramo previsto para hoje, mas que não vai acontecer já que o campus foi fechado por motivos de ordem pública depois das críticas dos últimos dias. Moffa disse que os responsáveis pela agressão foram algumas pessoas que disseram ser "judeus vindos de Roma". O professor acrescentou ainda que foi envolvido na briga e que atualmente tanto ele quanto Faurisson estão sob escolta policial. O professor não especificou se as agressões foram verbais ou físicas. (ANSA) 18/05/2007 13:48
<http://www.ansa.it/ansalatinabr/notizie/rubriche/mundo/20070518134834305401.html>

MASSACRES DIARIOS

OS "POGROMS" COLONIAL-IMPERIALISTAS

Por Walmor Marcellino

Os massacres diários do exército de Israel contra a população civil na Palestina são a continuação de sua guerra contra palestinos, libaneses, sírios e jordanianos; contando o entusiasmo belicista-religioso dos Estados Unidos, com a concordância da Europa, do Japão e da Rússia e o beneplácito da China. A "civilização capitalista e colonialista" fez da sua motivação econômico-política a razão etnocultural de difusão de um "bem universal". (* Devastação, massacre, morticínio por bandos organizados, destacamentos ou forças armadas contra comunidades ou classes, de que no passado foram vítimas etnias judaicas na Europa.) O estado de guerra nas fronteiras da Palestina, Líbano, Jordânia e Síria, resultado do nascimento (por "arbitramento" da ONU, em 1947 e em 14 de maio de 1948 por proclamação de que estava criado o Estado de Israel à força das armas) e da expansão colonialista de Israel desde antes de 1948 (está completando 60 anos), causou, além de centenas de milhares de mortos, aleijados e feridos, destruição de milhares de casas e bens sociais e culturais, o criminoso deslocamento forçado de milhões de árabes e a anexação israelense dos territórios vizinhos. A insegurança permanente nas fronteiras com o Estado sionista é mostrada a cada dia pelas notícias das razias do exército judeu para exterminar qualquer resistência ao anexacionismo colonial e ao projeto imperial que comanda sua política na região.

Com os meios de comunicação globais dominados pelas agências norte-americanas e européias, as atrocidades israelenses são apresentadas como reações de vítimas (no passado dos pogroms e hoje) da intolerância "terrorista", assim como é justificada a barbárie das agressões colonialistas mundo a fora. Inverte-se a realidade mundial mistificando as causas, e as nações e povos atacados e submetidos pelas armas são apresentados como agressores (Imperialistas e colonialistas vêm fazendo isso há séculos!). Para muitos sionistas e até alguns ingênuos judeus, o Estado militarista-colonialista de Israel é uma vingança milenar à opressão e ao opróbrio a que foram submetidas as comunidades judaicas dispersas pela Europa; e a idéia de "pátria amada e armada" lhes reconstitui a autoconfiança e reconforta o orgulho de povo sempre distinguido pela organização da inteligência e do espírito mercantil. Todavia, embora a ONU tenha renunciado (por pressão imperialista) a caracterizar que "o sionismo é uma forma de racismo", permanece o fato de que a pirataria bélica étnico-religiosa de um "direito bíblico" ou da "Torá" à Palestina, ao mesmo tempo que é uma expropriação territorial (como um privilégio de construção-social racista, embora ser "judeu" seja uma condição/característica cultural e não racial), é também uma projeção residencial-colonialista de uma nova Lebensraum (o "direito sagrado" nazista à expansão de

fronteiras).

Mas, como disse há 40 anos Pierre Démeron (um intelectual do mundo e de formação judaica): “Decididamente há em todo ocidental, mesmo quando se trate de um intelectual de esquerda, um sonhador colonialista”, a se identificar com o pretense “processo civilizatório” que mascara as ameaças, as agressões e o holocausto das populações “subdesenvolvidas” e as anexações de territórios. Ele se referia então à continuada agressão colonialista de Israel contra palestinos, libaneses, jordanianos e sírios; com o apoio direto dos Estados Unidos da América do Norte e os estímulos europeus; e com “a neutralidade” do Egito de Mbarak e a convivência do reino artificial da Jordânia de Abdullah. Ben Gourion, Golda Meir, Levi Eshkol e outros nacional-socialistas judeus (chauvinistas colonialistas, como o nacional-socialismo nazismo de Adolf Hitler) assumiram sua a causa colonial que a cupidez imperial e a estupidez humana propiciaram. Haviam obtido de ingleses (e franceses anuentes) um “Lar Nacional” para que “pudessem viver em paz na Palestina” e ademais ser ali um enclave-alfândega e guarda dos interesses imperialistas no Oriente Médio. Por sua vez, um oportunismo diplomático da União Soviética lhes deu o placet (afinal “eram socialistas” que, com o nihil obstat, “poderiam criar a contradição do progresso num mundo mercantil, pré-capitalista e enfeudado pelos emires e sheiks do Oriente Próximo”). E os norte-americanos, por coroamento, lhes deram a bênção paterna, armas e dinheiro.

As Nações Unidas apenas fizeram a cerimônia fúnebre da independência palestina e regional, que mais tarde a Doutrina Eisenhower (1958) veio a consagrar com “as pompas e as bombas democráticas”. À condenação que a ONU fez ao expansionismo de Israel, Ben Gourion respondeu assim em 10 de junho de 1949: “Nós conservaremos tudo o que houvermos ocupado.” O mundo em recolonização As agressões militares dos Estados Unidos da América do Norte e seus aliados contra os povos da Oriente Médio, da Ásia e da África marcam a presente situação política e militar do mundo. O colonial-belicismo de Israel é parte dessa estratégia, ainda que muitas vezes como uma independência de sócio menor no protetorado ianque anuído pela ONU. E então se evidencia que, se que as Nações Unidas dependeram do equilíbrio do poder partilhado por dois blocos político-ideológicos até a década de 1980, desde a Queda do Muro de Berlim, paradoxalmente, o direito internacional voltou a ser um direito unilateral decidido pela vontade política das canhoneiras. Sucedendo ao velho colonialismo o neocolonialismo sob a globalização. Não é confortador dizer que “a história do colonialismo é uma continuada agressão bélica e de conquistas territoriais com armas, germes e aço”; porque essa “continuidade histórica” ou “inevitabilidade do poder” seria o que regula a vida dos povos e entre nações e povos. Ou afirmar que o imperialismo é a expansão da economia e das suas fronteiras físicas pela sugestão (imposição) de benefícios materiais e culturais, apoiada pelas canhoneiras e fuzileiros; porque isso seria apenas um registro histórico-científico, embora cínico. O que se chama *statu quo* mundial é a hegemonia político-militar dos Estados Unidos com seu assecla britânico dividindo o botim internacional com a Europa; sob expectativas da Rússia, do Japão e da Austrália, e convalidada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas e imposta aos demais países como um “processo civilizatório-político mundial”, que orienta esse “Bem” na submissão do “Mal” de bárbaros e hereges, para lograr a pacificação do mundo.

Curitiba, 9/11/2006 * Walmor Marcellino é jornalista e escritor

http://www.dra.clair.nom.br/materias/detalhe.php?id=1163505201&limit_index=60&tam_index=15

BLABLALOBLOG

Breves considerações sobre o revisionismo e o novo livro de Faye, passando pelas inquietações do Flávio.

Julho 22, 2007

Flávio, um dhimmi desavergonhadamente assumido, enfrenhado que está na sua mui quixotesca peleja contra os identitários, voltou recentemente a pespegar, qual mania obsessiva, em risco de se tornar caso patológico irreversível, no nome daquele que ele embicou como sendo uma sorte de “Guru” dos identitários europeus.

Ora, o incontestavelmente mediático Guillaume Faye, excelsa figura do pensamento político contemporâneo, o qual publicamente homenageio com este blog, foi novamente presenteado com uma referência, entre inúmeras, no confuso espaço internético do Flávio, desta feita através de um artigo em língua francesa redigido por uma figura que admiro particularmente pela sua tenacidade e persistência, mesmo após terem atentado contra sua vida, em divulgar aquela que é quiçá a mais

difícil, para não dizer perigosa, disciplina da História, o revisionismo histórico referente à II Grande Guerra Mundial. Refiro-me ao Professor Faurisson, figura que dispensa apresentações e cuja demanda pela verdade histórica lhe valeu um injusto anátema social.

Faurisson redigiu um exaltado artigo, logo, carente da necessária objectividade, sobre a mais recente obra literária de Faye ousadamente intitulada «La nouvelle question juive» (A nova questão judaica), um livro extenso de 400 páginas onde, bem ao estilo que o caracteriza, Faye coloca o dedo na ferida, uma ferida não-cicatrizada e tão propícia a provocar celeuma, mas que não se pode lidar dogmaticamente ad eternum, ou simplesmente desviando o olhar como se desse modo tamanha e tão crucial questão caia no esquecimento.

Sem peias ou circunlóquios Faye aborda desde todos os ângulos a problemática que persiste em envolver os povo hebraico. Muito naturalmente a questão do revisionismo histórico foi explorada de idêntico modo, desferindo o politólogo gaulês severas críticas a determinada prática revisionista que prima pelo primarismo provocador, carente de bases historicamente científicas, quando não, e de forma inconsequente, colado ideologicamente para indelével prejuízo de todos aqueles que de maneira desapaixonada dedicam as suas vidas ao estudo da História contemporânea.

Como quem estas linhas escreve não teve ainda oportunidade de ler este livro de Guillaume Faye, não irei tecer outras observações que não apresentar sucintamente algumas ideias pessoais sobre o tema do revisionismo em geral, e que me parecem ser coincidentes precisamente com aquilo que Faye exprobra.

Defensor indefectível que sou da mais absoluta liberdade de expressão, encaro o revisionismo histórico como uma natural prossecução do estudo da História, considerando inaceitável e atentatório de um direito humano básico que é o direito à informação, de informar, de aprender e conhecer. Todos aqueles que são perseguidos e judicialmente condenados pelas suas ideias ou por apresentarem uma versão histórica distinta da versão oficial são merecedores do meu maior respeito e solidariedade. Sejam quais forem os episódios históricos, é inconcebível que não se possam legalmente abordar abertamente os mesmos. Não existem, e jamais existirão, verdades absolutas na História. Esta é construída pelo Homem e pelo Homem alterada. Deplorável é condenar alguém por acreditar e veicular uma opinião ou versão histórica alternativa, na mesma medida em que se torna risível observar e criticar factos passados mediante os padrões culturais e mentais da actualidade. Isto leva-me à inevitável conclusão que **por vezes o que é legítimo não é legal e o que é legal por vezes não é legítimo.**

Por outra parte, e atendendo a conversas que mantive e mantenho com diversos amigos e conhecidos, volto a reiterar uma ideia que alimento há algum tempo para cá. O revisionismo histórico apenas e somente deverá ser ministrado por indivíduos academicamente credenciados. Se se deseja o reconhecimento público do revisionismo, enquanto disciplina integrada no âmbito da ciência histórica, torna-se então absolutamente imperioso que este obedeça a critérios mínimos de seriedade.

Acresce a isto verificar que o revisionismo padece de um crónico “calcanhar de Aquiles”, nomeadamente a sua colagem, involuntária em muitos casos, ao movimento nacional-socialista actual, que persiste na demanda pela recuperação e limpeza de imagem, indiscutivelmente manchada pelo processo de desnazificação iniciado em 1945, e ainda em curso. Se por um lado os nacional-socialistas são obviamente parte interessada no sucesso da historiografia revisionista, não deixa de ser globalmente lesivo para o revisionismo ver-se ideologicamente agregado. É frequente encontrarem-se nas páginas de internet nacional-socialistas artigos revisionistas. No dilema entre não conotar o trabalho revisionista com a recuperação da ideologia hitlerista a tendência recai invariavelmente na tentativa em apresentar um nacional-socialismo inocentado em relação às acusações de que é alvo, sempre sustentada nas investigações de revisionistas, sejam estes historiadores ou não.

Um exemplo cabal daquilo que precisamente não deve ser posto em prática está patente na página Grupo DIRLIP, desastradamente alimentada pelo Flávio. Não sendo ele nacional-socialista, pelo contrário afirma-se como um nacionalista de esquerda (que me corrija se estou equivocado), obsequia quem acede à dita página com artigos de índole revisionista à mistura com artigo glorificante das Waffen SS, uma alusão a Ahmadinejad entre algumas recensões a livros sobre o Integralismo Lusitano ou até sobre Homem Cristo Filho, introdutor do ideário fascista em Portugal. Perante tal vozearia politicamente incorrecta ressalta acima de tudo que se o intuito primário do Grupo para a Divulgação do Revisionismo em Língua Portuguesa contribuiu essencialmente para os adversários do revisionismo uma outra vez asseverarem que este resulta apenas de uma manobra para branquear a história do III Reich, em claro desserviço para o esforço empregue pelos estudiosos revisionistas.

Perante isto, e porque não quero arvorar-me em moralista, ainda que reservando o meu direito em divergir do que bem me apeteça, não tenho qualquer dúvida, mesmo não tendo ainda lido o novo livro do sempre polémico Faye, que as críticas que já lhe foram desferidas, bem como aquelas que se seguirão, carecem de substância na exacta medida em que muitas são por certo urdidas por aqueles que, desde as suas “torres de marfim”, «permanecem na obscuridade da sua ignorância imanente»,

para utilizar esta tão contundente quanto exacta expressão do meu bom amigo Miguel Jardim.

arqueofuturista

<http://arqueofuturista.wordpress.com/2007/07/22/breves-consideracoes-sobre-o-revisionismo-e-o-novo-livro-de-faye-passando-pelas-inquietacoes-do-flavio/>

Ver. conversa.

=====

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, Paris, 1948.

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do sito AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port.port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH

< <http://revurevi.net> >

Das kausale Nexusblatt

The Revisionist Clarion

Il Resto del Siclo

Conseils de Révision

El Paso del Ebro

Arménichantage

La Gazette du Golfe et des banlieues

TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 360 LIBROS

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis